

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA**

MALONE RODRIGUES DA SILVA

**O SENTIDO DA VIDA PARA O JOVEM
EM VIKTOR E. FRANKL**

Porto Alegre
2015

MALONE RODRIGUES DA SILVA

**O SENTIDO DA VIDA PARA O JOVEM
EM VIKTOR E. FRANKL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharelado em Filosofia, pelo Curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Marques de Jesus

Porto Alegre
2015

MALONE RODRIGUES DA SILVA

**O SENTIDO DA VIDA PARA O JOVEM
EM VIKTOR E. FRANKL**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharelado em Filosofia, pelo Curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luciano, Marques de Jesus
Orientador

Prof. Dr. Draiton Gonzaga de Souza
Examinador

Prof.^a. Me. Gladis Teresinha Wohlgemuth
Examinador

Agradecimento

Ao Bom Deus, pelo dom da vida e por me conduzir até aqui.

À minha família de sangue e a família franciscana, meus confrades da Ordem
Seráfica.

Aos meus amigos e amigas, colegas e irmãos, ao CLJ/CSA pelo apoio e oração.

Aos meus professores, em especial meu orientador Prof. Luciano M. de Jesus, meu
confrade, a quem devo em grande parte a decisão de escolher trabalhar esse tema.

Não só para finalizar uma etapa de formação, mas a motivação de buscar o
conhecimento para ajudar outras pessoas. Obrigado por suas palestras, paciência e
compreensão.

Paz e bem, Shalom!

RESUMO

Este trabalho de conclusão procura abordar a busca de sentido da vida com ênfase na vida do jovem, baseado na obra e nos escritos de Viktor E. Frankl. Frankl, desde jovem se preocupou com esse tema. Faz-se uma abordagem da vida de Frankl e de suas experiências até a formulação da Logoterapia. Desenvolve-se o estudo sobre o desejo do homem que é direcionado por uma busca de sentido, a qual nos últimos tempos vem sendo afetada e frustrada, ocasionando vidas vazias e cheias de tédio, aprofundando a possibilidade da busca de sentido no trabalho, no amor e na superação do sofrimento. Sempre com ênfase na juventude. Recorda-se como o trabalho de Frankl ecoa na juventude, com seus desafios e alegrias, liberdade e responsabilidade, aprofundando a exigência do ser humano, segundo Frankl, por uma vida que transcenda e que tenha sentido.

Palavra-chave: Sentido da vida. Jovens. Liberdade. Responsabilidade. Vazio. Trabalho. Amor. Sofrimento.

RIASSUNTO

Questo progetto finale mira ad affrontare la ricerca del senso della vita con l'accento sulla vita dei giovani, basato sul lavoro e gli scritti di Viktor E. Frankl. Frankl, da giovane preoccupato con questo problema. Si fa un approccio della vita di Frankl e le sue esperienze fino alla formulazione della Logoterapia. Si sviluppa studio sul desiderio di colui che è guidato da una ricerca di senso, che negli ultimi tempi è stata colpita e frustrata, con conseguente vite vuote e piene di noia, approfondendo la possibilità della ricerca di senso nel lavoro, amore e superamento della sofferenza. Sempre con l'accento sulla gioventù. Li ricorda come l'opera di Frankl riecheggia in gioventù, con le sue gioie e le sfide, la libertà e la responsabilità, approfondendo l'esigenza dell'essere umano, secondo Frankl, ad una vita che trascende e con senso.

Parola chiave: Senso della vita. Giovani. Libertà. Responsabilità. Vuoto. Lavoro. Amore. Sofferenza.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 O JOVEM FRANKL	7
2.2 OS CENTROS DE ACONSELHAMENTO PARA JOVENS.....	8
2.2 HITLER, CASAMENTO, CAMPO DE CONCENTRAÇÃO E <i>BEST SELER</i> .	9
3 A BUSCA DE SENTIDO	13
3.1 PSICANÁLISE E PSICOLOGIA INDIVIDUAL	133
3.2 A VONTADE DE SENTIDO	166
3.3 O SENTIDO DA VIDA	177
3.4 TRÊS CATEGORIAS DE VALORES	211
3.4.1 Valor criativo.....	222
3.4.2 Valor de vivência	266
3.4.3 Valores de atitude	30
4 O SENTIDO DA VIDA PARA O JOVEM.....	344
4.1 CONSEQUENCIAS DA FALTA DE SENTIDO	
NO TEMPO DA JUVENTUDE.....	344
4.2 O JOVEM EM BUSCA DE SENTIDO.....	377
4.3 OS JOVENS E OS VALORES	422
4.3.1 Jovem e o valor de criação direcionado a uma missão.....	46
4.3.2 Jovens e o suícidio	48
5 CONCLUSÃO	533
REFERÊNCIAS.....	566

PREFÁCIO

Durante aula de Introdução à Filosofia foi apresentado o trabalho do filósofo e psicólogo Viktor E. Frankl pelo professor Luciano M. de Jesus. No primeiro momento o questionamento que ficou era; “qual era o sentido da vida? ”. Com o desejo de compreender mais o tema, iniciou-se a leitura do livro *Em Busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração*, nele Frankl relata sua experiência como prisioneiro em Auschwitz. Após vencidos os preconceitos em relação à filosofia, e tendo compreendido que ela pode e possui todos os mecanismos para ajudar a iluminar o ser humano nos mais complexos problemas existências, decidiu-se caminhar por este tema, mas sem saber como delimitar. Durante a pesquisa, pôde-se compreender que aquilo que Frankl relatava sobre a problemática existencial, do vazio ou do tédio, ecoava na realidade que nos circundava.

Nos grupos de jovens, nas conversas dos corredores da faculdade, ou nos desabafos da juventude, ecoa um grito de vazio, de busca de sentido. Juntando todos esses pressupostos, nasceu o desejo de trabalhar o tema do sentido da vida, com enfoque para a juventude. Durante a pesquisa dos escritos de Frankl e de seus comentadores, uma surpresa. A Logoterapia de Frankl não teve seu início no campo de concentração, mas bem antes, antes mesmo dele se formar como médico, começou no trabalho de assistência aos jovens.

Frankl nasceu em Viena, Áustria, em 1905, foi médico e psiquiatra fundador da Logoterapia, que caminha entre a medicina e a filosofia, propondo por meio da análise existencial, se concentra no sentido da existência humana, na busca da pessoa do sentido que a própria vida exige.

Ele é judeu e sofreu a perseguição dos Nazistas. Devido a seu primeiro livro, o mais famoso, *Em busca de sentido*, ter se propagado por todo mundo, se criou a crença que ele elaborou a Logoterapia a partir de sua experiência no campo de concentração. No entanto, foi na experiência com os jovens, na avaliação da crise do cotidiano que ele dá o pontapé inicial no seu trabalho sobre a busca de sentido.

Frankl organizou “centros de aconselhamento para jovens primeiramente em Viena” (FRANKL, 2010a, p. 81), e depois em outras cidades. Por meio do aconselhamento, ele dava assistência aos jovens ancorada no nível psicológico. Frankl escutava o sofrimento dos jovens, atento a suas carências e problematizações. Com os centros, Frankl criou uma campanha para o período de

entrega de boletins, pois constatou que durante o final do ano havia um aumento de suicídio entre os jovens. “Já no primeiro ano foi possível através desta campanha especial diminuir significativamente a taxa de morte entre os estudantes” (FRANKL; LAPIDE, 2013a, p.12). É no período da juventude que a problemática da busca de sentido se faz mais latente.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tematiza o sentido da vida para o jovem em Viktor E. Frankl. É dividido em três capítulos, no desejo de fazer um processo de pesquisa do pensamento de Frankl, delimitando aos aspectos da juventude. No primeiro capítulo trabalhou-se sobre o jovem Frankl, pois todo o seu trabalho parte de suas experiências, sejam elas na sua juventude de estudante em contato com Freud, ou nos centros de aconselhamento até a experiência do campo de concentração.

O segundo capítulo é o mais central em relação ao pensamento de Frankl. Pretendeu-se trabalhar sobre a busca de sentido do homem, pois o ser humano é um ser consciente, e somente ele pode questionar-se sobre o sentido de sua vida.

Frankl defende que o ser humano é movido por essa vontade de sentido. Contrapondo-se a teoria defendida por dois grandes psicólogos, Sigmund Freud e Alfred Adler. Freud defende que o ser humano é movido por uma vontade de prazer e Adler defende que o homem é movido pela vontade de poder.

Para Frankl, todo ser humano possui um sentido, ele é único e deve ser encontrado por cada um. No entanto, ele faz o diagnóstico de que a sociedade vive uma crise de falta de sentido, o mal do nosso tempo, o sentimento de vazio, que se propaga por todo o mundo, numa incapacidade das pessoas para encontrar sentido em suas vidas. Para enfrentar essa crise de vazio, ele aponta que cada ser humano deve assumir a responsabilidade sobre a sua vida, usando de sua consciência para saber discernir diante da liberdade de cada um.

De acordo com a Logoterapia, Frankl afirma que podemos encontrar o sentido por meio de três vias: os valores criativos, vivenciais e atitudinais. Ele delimita a questão existencial da vida humana quando liga os valores criativos com a criação de um trabalho ou praticando um ato; já os vivenciais com a atitude de experimentar algo ou encontrando numa outra pessoa, ou seja, no sentimento do amor; já o valor atitudinal ele encara pela atitude que a pessoa toma em relação ao sofrimento inevitável. Ele aprofunda a riqueza que é o mundo dos valores, mas alerta para que o homem não se fixe, por assim dizer, perante um determinado grupo de valores, mas tenha atitude flexível para se mover de um grupo a outro de acordo com a situação que está vivendo, sempre sobre o senso do ser-consciente e ser-responsável.

No terceiro capítulo trabalhou-se sobre o sentido da vida para o jovem. Durante o tempo em que acompanhou a juventude nos centros de aconselhamentos para jovens, Frankl pode compreender que este tempo é um dos mais complexos para a busca do sentido da vida, ou seja, é um momento no qual a pessoa precisa encontrar o sentido de sua vida, mas ele está apenas no início, lhe falta responsabilidade sobre a sua vida, sua consciência, órgão do sentido, ainda está em processo de amadurecimento. As consequências da falta de sentido são muitas para todas as gerações, mas são os jovens mais vulneráveis e sofrem com mais intensidade a falta de sentido e o vazio existencial. Os efeitos sobre a juventude, que vive no vazio, são evidenciados por Frankl como depressão, agressão e o uso de drogas.

Trabalhou-se sobre os valores em relação aos jovens com suas características, possibilidades e consequências, evidenciando a possibilidade que o jovem tem de encontrar o sentido e enfrentar a crise do vazio existencial, demonstrando ser possível ir contra a crise do vazio.

A busca por sentido, não é abstrata, mas questionamento real. A descoberta do sentido de vida ocorre na forma de resposta à vida. Compreende-se que a pessoa não deveria perguntar pelo sentido, mas sim perceber-se questionada pela própria vida.

2 O JOVEM FRANKL

Viktor Emil Frankl nasceu, em Viena, em 1905 em família de origem judaica. Se tornou um famoso psiquiatra no século XX, por causa de seus inúmeros trabalhos sobre o tema “Sentido da Vida”. Quando ainda era uma criança, aos quatro anos, se questionou sobre a morte e sobre o sentido da morte:

Também deve ter sido aos quatro anos que levei um susto, um pouco antes de adormecer, perturbado pela ideia de que algum dia eu também teria de morrer. Durante toda a minha vida, porém, nunca tive medo da morte. Ocupava-me muito mais com outra coisa: a questão de se a transitoriedade da vida lhe roubava o sentido (FRANKL, 2010a, p. 27).

A problemática do sentido sempre esteve muito presente na caminhada de estudo de Frankl. Durante a sua juventude muitas vezes enquanto tomava café Frankl ficava “pensando sobre o sentido da vida e, especialmente, o sentido do dia por vir” (FRANKL, 2010a, p. 31). Frankl começou a manifestar interesse, ainda no ensino médio, pela psicologia. Durante o período de ginásio, o jovem Frankl entrou em contato com as ideias do cientista e filósofo Wilhelm Ostwald juntamente com o fundador da Psicologia Experimental, Gustav Theodor Fechner. Este despertou nele o desejo de estudar psicologia. Durante esse tempo ocorreu o seu primeiro encontro com a Psicanálise de Sigmund Freud, o qual o jovem Frankl conheceu, e com ele manteve uma correspondência regular. “Em 1992, mal completara 17 anos, Frankl enviou a Sigmund Freud um manuscrito sobre a origem e a interpretação das mímicas de consentimento e de negação. Esta composição foi publicada dois anos mais tarde, em cumprimento a um desejo expresso de Freud” (FRANKL; LAPIDE, 2013, p. 10).

Porém, enquanto Frankl aperfeiçoava seus estudos, começou a se afastar da Psicanálise de Freud e se aproximar da Psicologia Individual de Alfred Adler. “Em 1925 Frankl publicou na Revista Internacional de Psicologia Individual o artigo ‘Psicoterapia e visão do mundo’. Com ele Frankl procurou esclarecer os limites entre a Psicanálise e a Filosofia, e principalmente as questões fundamentais da problemática do sentido e dos valores da Psicoterapia” (FRANKL; LAPIDE, 2013, p. 10). Durante este tempo, o jovem Frankl publicou sua própria revista de Psicologia Individual, com o tema “O homem no Cotidiano”, logo depois ele publica o artigo com o título “Sobre o sentido do cotidiano”, e começa a dar sinais dos futuros trabalhos sobre o sentido da vida. Frankl começa a ministrar muitas palestras em Viena e no exterior. Em uma dessas palestras Frankl usa pela primeira vez o termo Logoterapia:

Frankl emprega pela primeira vez no meio acadêmico o conceito de "Logoterapia" como uma psicoterapia, que trata adicionalmente do esclarecimento e da cura dos conflitos psicológicos e das pressões da dimensão mental do homem. A denominação e a definição complementares da "Análise existencial", aquela pesquisa antropológica e linha de pensamento, que fundamenta filosoficamente e aprofunda a Logoterapia em sua função de aconselhamento psicológico, só foram postuladas por Frankl sete anos mais tarde em 1933, em outra conferência (FRANKL; LAPIDE, 2013, p. 11).

Cada vez mais Frankl começa a trilhar novos caminhos, em uma psicologia que se afasta de Freud e Adler. Dando início, como muitos classificam, da terceira escola da Psicoterapia de Viena. O ápice deste conflito se dá quando Adler exigiu pessoalmente a exclusão de Frankl da Sociedade de Psicologia Individual, por causa de suas opiniões não muito ortodoxas.

2.2 OS CENTROS DE ACONSELHAMENTO PARA JOVENS

Após sua saída da Sociedade de Psicologia Individual, os anos seguintes para Frankl foram de muito trabalho em Viena. E neste momento ele começa o desenvolvimento da Logoterapia. E os jovens tem um grande papel nesse processo.

Em 1928 Frankl, com mais dois amigos, fundou em Viena o primeiro Centro de Aconselhamento para Jovens. Nesses Centros, os jovens, com dificuldades psíquicas, podiam procurar ajuda gratuita. Os aconselhamentos eram feitos na casa dos jovens ou nos consultórios dos voluntários. Até mesmo a casa dos pais de Frankl era local de atendimento, como constava nos folhetos de divulgação dos centros. Depois de Viena ele inaugurou mais cinco Centros (Cf. FRANKL, LAPIDE, 2013, p. 12)

Com os Centros Frankl aprofundou o seu trabalho, observando a realidade juvenil que o circundava, principalmente a problemática do suicídio. Ele percebe o grande número de jovens estudantes que cometem suicídio devido à pressão dos exames finais. Ele propõe campanhas de prevenção aos alunos, que por sua vez, acabam dando muito certo:

Ao observar o aumento considerável dos suicídios de estudantes em relação à entrega anual dos boletins escolares, Frankl organizou a partir do ano de 1930 campanhas especiais para aconselhamento estudiantil com atenção especial para o final do ano escolar. Já em seu primeiro ano foi possível através desta campanha especial diminuir significativamente a taxa de mortes entre os estudantes; no ano seguinte o sucesso foi ainda maior: em Viena, pela primeira vez desde muitos anos, não ocorreu um único suicídio durante o período de entrega dos boletins. (FRANKL; LAPIDE, 2013, p. 12).

O sucesso foi tanto que Frankl foi convidado a implantar e falar da campanha em outros países (Cf. FRANKL; LAPIDE, 2013, p.12).

Frankl faz o movimento que parte do teórico para a prática, com tamanha diligencia que isso o ajuda a ir ao profundo da complexidade dos problemas existenciais. Ele não fica apenas nas consequências, mas mergulha na investigação das causas dos dilemas que afetam os jovens. Esse trabalho prático com a juventude nos Centros de Aconselhamento o ajudou muito, juntamente com as inúmeras palestras que ele ministrou, em especial para o público jovem, em universidades e organizações juvenis, ao qual ele se permitia responder perguntas ao final. Ele mesmo relata que diversos jovens vinham se consultar com ele.

O trabalho de Frankl dá tão certo, que ele recebe permissão para trabalhar o seu método psicoterápico em uma clínica, mesmo ainda sendo um estudante de Medicina. Frankl começa num processo de deixar de lado o que havia visto na psicanálise e na psicologia individual, para aprender na prática com os pacientes. Depois de formado Frankl trabalhou na Clínica Universitária, se especializou em Neurologia, e por fim trabalhou no hospital psiquiátrico “Am Steinhof”. Nesse hospital ele coordenava o pavilhão dos suicidas. Em 1937, ele abriu seu consultório como médico especialista em neurologia e psiquiatria. Mas a partir do ano seguinte tudo iria mudar para Frankl e tantos outros judeus, Hitler ocuparia a Áustria (Cf. FRANKL, 2010a, p.97).

2.2 HITLER, CASAMENTO, CAMPO DE CONCENTRAÇÃO E *BEST SELER*

Em março de 1938, as tropas de Hitler invadiram a Áustria. No primeiro momento Frankl estava alheio a tal movimento político, o que não durou muito. As tropas nazistas alteraram os direitos e leis. Ele, por ser judeu, sentia as duras repressões do governo de Hitler. Sendo obrigado, pela nova política, a fechar seu consultório. Foi-lhe oferecido a direção do Departamento de Neurologia do Hospital Rothchild, único hospital de Viena em que se admitiam judeus naquele momento. Isto dava uma garantia a ele e seus pais de não serem enviados para um campo de concentração (Cf. FRANKL, 2010a, p.93). A残酷za dos nazistas avançava em todos os setores da sociedade de Viena, inclusive contra os asilos que acolhiam judeus. Frankl defendia a vida, era contra qual quer tipo de ação dos nazistas contra

os doentes judeus, por isto sabotou muitas eutanásias organizadas pelas autoridades:

A Gestapo¹ se encarregava de fazer que os estatutos fossem estritamente seguidos, e pelos quais era proibido aceitar doentes mentais no asilo. Eu descumpria essa cláusula ao proteger a direção do asilo e colocar minha própria cabeça na força, assinando atestados médicos nos quais classificava de afasia – “ou seja, um sofrimento orgânico cerebral” -, uma esquizofrenia, e uma melancolia de um delírio febril – “ou seja, nenhuma psicose no sentido estrito da palavra”. Quando o paciente era aceito no asilo, acomodado em sua cama, uma esquizofrenia, no pior dos casos, podia ser tratada de maneira ambulatorial com um choque de cardiazol ou uma fase melancólica podia ser superada sem risco de suicídio (FRANKL, 2010a, p. 97)

Foi no hospital que ele conheceu sua primeira mulher, Tilly Grosser, pois ela era enfermeira. Eles foram os últimos da população judaica a terem permissão para se casar, como ele relata em seu livro (*O que não está escrito nos meus livros*). O cerco se fechava para os judeus. Foi oficialmente implantada a lei que proibia os judeus de terem filhos. O decreto dizia que todas as mulheres judias que estivessem grávidas seriam enviadas imediatamente para o Campo de Concentração. A esposa de Frankl teve que sacrificar o filho deles. Os hospitais eram instruídos a não colocar nenhum empecilho a interrupção de gravidez de mulheres judias (Cf. FRANKL, 2010a, p.103).

Frankl e sua esposa foram enviados para trabalhos forçados em uma fábrica, que durou cerca de dois anos. No entanto, ele foi listado para ser enviado para “o leste”, ou seja, Auschwitz. Todos sabiam que ser enviado para o leste era ser encaminhado para os piores campos de concentração (Cf. FRANKL, 2010a, p.). Ele relatou como foi a chegada e o sentimento que se passou com ele e com os outros prisioneiros:

O trem começa a manobrar frente a uma grande estação. De repente, do amontoado de gente esperando ansiosamente no vagão, surge um grito: “Olha a tabuleta: Auschwitz! ” Naquele momento não houve coração que não se abalasse. Todos sabiam o que significa Auschwitz. Esse nome suscitava imagens confusas, mas horripilantes de câmaras de gás, fornos crematórios e execução em massa. O trem avança lentamente, como que hesitando, como se quisesse dar aos poucos a má notícia à sua desgraçada carga humana: “Auschwitz” (FRANKL, 2013, p. 23).

Sua esposa não havia sido listada para ir ao leste. Frankl a proibiu de se apresentar como voluntária. Tilly não lhe deu ouvidos e ambos são encaminhados para Auschwitz. Na última vez que estiveram juntos, enquanto homens e mulheres eram separados, Frankl disse à esposa; “Tilly, fique viva a qualquer preço. A

¹ Polícia secreta da Alemanha Nazista.

qualquer preço, entendeu? ” (FRANKL, 2010a, p. 108). Frankl sabia que não seria fácil o tempo que estariam no campo de concentração. Frankl só veio a saber da esposa depois que foi libertado. Quando passou por Viena, soube que a esposa havia morrido em Bergen-Belsen, logo depois da libertação das tropas inglesas (Cf. FRANKL, 2010a, p.107).

No campo de concentração Frankl vai passar por todo horror que um ser humano pode experimentar. Lá ele vai ver que os livros de medicina mentem, pois, o ser humano pode aguentar inúmeras horas acordado submetido a fortes pressões psicológicas. Que é capaz de trabalhar por dias a base de uma dieta de uma sopa aguada e um pão adormecido. Segundo Frankl não foi a experiência do campo de concentração que fez com que ele desenvolvesse a Logoterapia, mas a experiência o ajudou a compreender a autotranscendência e o autodistanciamento, como ele mesmo relata:

Parece que o campo de concentração foi minha verdadeira prova de maturidade. Eu não precisaria ter passado por ela – eu poderia ter escapado, conseguido emigrar a tempo para os Estados Unidos. Lá poderia ter desenvolvido a Logoterapia, lá poderia ter completado a obra de minha vida, realizando as tarefas da minha vida, mas não foi isso que eu fiz. E assim cheguei a Auschwitz. Esse foi o *experimentum crucis*. A capacidade primordial humana da *autotranscendência* e a do *autodistanciamento*, como tanto enfatizo nos últimos anos, foi verificada e validada existencialmente no campo de concentração. Esse empirismo, no sentido mais abrangente, confirmou o “*survival value*” que corresponde a vontade de sentido (FRANKL, 2010a, p. 114).

Após o retorno do campo de concentração, Frankl não tinha mais família. A guerra tinha destruído tudo, no entanto ele sentia, que é nesses momentos de dor, que é necessário que exista um sentido. Como ele mesmo relatou ao desabafar com um amigo em Viena:

Num dos primeiros dias de volta a Viena, procurei meu amigo Paul Polak e informei-lhe da morte dos meus pais, de meu irmão e de minha esposa. Lembro-me de que comecei a chorar de repente, e disse a ele: “Paul, quando passamos por tanta coisa assim, quando somos tão duramente postos à prova... confesso que é nessa hora que tudo precisa ter um sentido. Tenho a impressão, não consigo dizer de outra maneira, de que algo estaria à minha espera, de que algo estaria sendo esperado de mim, de que eu era destinado a alguma coisa”. Em seguida me senti aliviado. Nessa época, porém, ninguém poderia ter me compreendido melhor, mesmo que em silêncio, do que o bom Paul Polak (FRANKL, 2010a, p. 123).

Em 1945 Frankl decide desabafar sobre tudo que viveu durante o tempo que esteve no campo de concentração em Auschwitz. Ele queria fazer isso o mais transparente possível, como que no desejo de gritar ao mundo tudo aquilo que ele viveu durante aqueles anos. Ele relata em seu livro de memórias; “eu estava

decidido a publicá-lo anonimamente, para conseguir me expressar mais à vontade" (FRANKL, 2010a, p. 125) – Ele assim o fez. Quando se lê a sua obra; *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, podemos compreender claramente, como se pudéssemos ver diante de nós todas as suas experiências, sofrimentos e angústias.

Frankl jamais imaginara que o livro que ele desejava publicar anonimamente viria a se tornar um best-seller. Escolhido como livro do ano por mais de cinco vezes, em universidades dos Estados Unidos. Inúmeras edições, traduzido para diversos idiomas, literalmente um sucesso. Na segunda edição Frankl acrescentou uma parte teórica que seria uma introdução à Logoterapia. A edição americana, contava com uma segunda parte, que seria como uma introdução a Logoterapia. Assim, a Terceira Escola de Psicoterapia, a Logoterapia, se espalhava pelo mundo (FRANKL, 2010a, p. 126).

Frankl percorreu um caminho, em todas as suas obras. Fundamentou metodologicamente a busca de sentido, indo contra teorias que já existiam. Mostrando que o homem só pode ser feliz quando consegue responder ao seu desejo de busca de sentido em sua vida.

3 A BUSCA DE SENTIDO

Frankl dedicou grande parte de sua vida a pesquisa, problematização em relação as questões que envolviam a busca de sentido da vida. Para ele, cada indivíduo possui, dentro de si, um forte desejo de busca de sentido. Após a primeira guerra mundial, começou-se a estudar os efeitos da guerra no comportamento dos soldados. O aprofundamento de análises da mente cresceu fortemente, como também a criação de metodologias para tratar distúrbios mentais. Neste processo o expoente é Sigmund Freud que desenvolveu a Psicanálise. Também Alfred Adler, com a elaboração da Psicologia do Desenvolvimento Individual. Frankl vai ter contato com as teorias de ambos, mas no caminhar ele vai se aperfeiçoar, e assim formular aquela que seria conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia², a Logoterapia. A Logoterapia concentra-se no sentido da existência humana, como também na busca da pessoa por um sentido.

3.1 PSICANÁLISE E PSICOLOGIA INDIVIDUAL

O neurologista austríaco, Sigmund Freud é o pai da Psicanálise. Freud, partindo da sua psicanálise, defende que o comportamento humano é direcionado por uma vontade de prazer.

Alfred Adler foi um importante psicólogo. No início trabalhou com Freud, mas encontrou divergências na teoria de Freud e acabou por criar a sua própria teoria, conhecida como Psicologia do Desenvolvimento Individual. Para Adler, o ser humano está inserido no meio social, este o obriga a tomar por objetivo fatores já predefinidos. Neste processo o ser humano cria uma sede de poder e notoriedade. A ideia central desta teoria é que o ser humano é direcionado por uma vontade de poder.

Desde sua juventude Frankl teve contato com essas teorias. Primeiramente com a de Freud e depois com a de Adler, ambas tiveram um papel significativo para o processo de construção da sua própria teoria. O próprio Frankl diz: “ter conhecido pessoalmente Freud e Adler fez com que eu me sinta como um anão sentado sobre

² Antecedido pela Psicanálise de Freud e pela Psicologia Individual de Adler.

os ombros de dois gigantes, o que me possibilita enxergar um pouco mais longe" (FRANKL apud XAUSA, 1988, p. 97).

Enquanto Freud afirma que o homem vive em busca do prazer e Adler reafirma que o homem vive pelo poder, Frankl vai afirmar que o homem vive em busca de sentido. Ele mesmo afirma que "antes de mais nada, destaque-se o seguinte: o que de fato impulsiona o homem não é nem a vontade de poder nem a vontade de prazer, mas sim o que chamo de vontade de sentido" (FRANKL, 1978, p. 12). Na visão psicologista tudo está direcionado ao prazer. Frankl com sua análise existencial, vai se contrapor a essa visão, pois ele reconhece nesse movimento uma banalização do transcendente e um esvaziamento de sentido:

Na visão psicologista, tudo adquire um caráter não só ambíguo, como uniforme. Uma vez que se sacrifica o objeto transcendente do ato intencional (o objetivo espiritual) o que permanece, por exemplo, de um prazer uniforme.

Esse prazer residual, que é sempre idêntico, seja qual for a ocasião ou circunstância, acarreta um nivelamento: o mundo perde sua dimensão de profundidade e a realidade, o seu relevo de valores. Em resumo: o prazer é resíduo que fica para trás após uma intervenção psicologista; é o que resta tão logo o ato intencional se vê despojado de sua intencionalidade, tão logo é esvaziado de sentido (FRANKL, 1978, p. 205).

Para Frankl, existe um valor muito mais profundo no processo que se direciona para algo, do que afirmar que apenas com a conclusão se teria o prazer. Pois para ele o prazer é consequência. É como subir uma montanha, em si o prazer não está em chegar ao topo, mas é o movimento de subir. Quando consigo contemplar o percurso, a experiência que se vive durante o trajeto, é nisso que vai se constituindo o prazer. Ao chegar ao topo ele se completa, de certa forma como uma consequência. Como Frankl afirma, o prazer é algo que se apresenta, em cada caso, por si mesmo, ao ser atingido o objetivo, e não é por fim, o objetivo em si.

Por mais que Freud afirme que o homem vive pelo princípio de prazer. Frankl acredita que o homem não se satisfaz com o prazer, ele busca um sentido, pois o prazer é sempre consequência, nunca a meta:

Se realmente vivêssemos no prazer todo o sentido da vida, em última análise a vida parecer-nos-ia sem sentido. Se o prazer fosse o sentido da vida, a vida não teria propriamente sentido algum. Porque, afinal, o que é o prazer? Um estado. O materialista – e o hedonismo costumam andar à mistura com o materialismo – poderia dizer inclusivamente: o prazer não é mais do que um processo qualquer que se opera nas células ganglionares do cérebro. E eu pergunto: só por causa desse processo valerá a pena viver, experimentar, sofrer, ou fazer o que quer que seja? (FRANKL, 2010b, p. 69).

Portanto, Frankl deixa claro que o prazer não pode ser um fim em si mesmo, ele sempre será consequência. É o resultado ou um efeito, não de uma intenção.

Para fundamentar tal ideia temos a frase de Kierkegaard que afirmou que a porta que dá acesso à felicidade se abre de dentro para fora; forçá-la a se abrir em sentido oposto acabará por bloqueá-la. Sendo assim, “em vez de nos entregarmos intencionalmente ao objeto de uma aspiração, fixamos nosso interesse na própria aspiração, deixando evidentemente de perceber o objeto, nos afastamos dele e só nos damos conta de um estado” (FRANKL, 1978, p. 206).

Frankl reconhece os avanços de Adler, mas questiona a conformação que a psicologia individual tinha sobre a realidade, que em si era a adaptação da pessoa ao seu mundo.

Em Alfred Adler eu vejo o homem que primeiro fez oposição criativa a Freud. E o conseguiu, realizando um verdadeiro giro Copérnico. O homem já não podia ser considerado como o produto ou vítima de necessidades e forças instintivas; ao contrário, elas compõem o material que serve o homem na expressão e na ação. Depois disto, Alfred Adler pode ser considerado como um pensador existencial e como um mensageiro anterior ao movimento existencial-psiquiátrico (FRANKL apud, PAREJA HERRERA apud XAUSA, 1988, p. 100).

Existem uma ligação entre o sistema frankliano e a psicologia de Adler. Ambos consideram o homem como unidade. Contudo, Frankl afirma que o antropocentrismo que atribui ao ser humano uma posição de centralidade em relação a todo o universo, seria uma característica da crise do humanismo. E a teoria da compensação de Adler se direciona para antropocentrismo:

Adler, inspirado no conceito biológico da inferioridade do órgão, denomina a reação psíquica de “sentimento de inferioridade”. Adler ultrapassa o domínio do pessoal para considerar o meio ambiente, o mundo ao redor do homem e a educação como fatores importantes e decisivos na postura de uma pessoa na sociedade. Segundo ele, a compensação social é expressa pelo “sentimento de sociabilidade”. Por isso, para estudar alguns casos de neuroses será necessário retornar à história da infância do paciente para encontrar ali o complexo e inferioridade originado pelas carências físicas. Assim, a vontade de poder é para Adler a principal motivação da conduta humana (XAUSA, 1988, p. 101).

Frankl vai estudando e pesquisando as teorias de Freud e Adler, mas não fica preso a elas, e acaba por questioná-las. Aprofunda a problemática, partindo da experiência. Ele vê o ser humano muito além da ideia que é concebida por Freud e Adler. Diante da ideia que o ser humano é direcionado por uma vontade de prazer ou de poder, a Logoterapia vai propor a vontade de Sentido.

3.2 A VONTADE DE SENTIDO

O questionamento sobre o sentido da vida, se constitui particularmente em um problema do homem. Por mais que tenhamos animais altamente evoluídos em percepções de visão ou olfato, até mesmo na questão de organização social, como as abelhas e formigas – eles não se questionam sobre o sentido de suas vidas. Tal pergunta é exclusiva do ser humano. (Cf. FRANKL, 2010b, p.56). Frankl vai além, afirmando que “a busca do indivíduo por sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma ‘racionalização secundária’ de impulsos instintivos”. (FRANKL, 2013, p. 124).

Uma vez, um professor de história natural explanava, numa aula dum colégio, a tese de que a vida dos organismos, incluindo a do homem, “em última análise, nada mais é que ‘um processo de oxidação, um processo de combustão’. Imediatamente saltou um aluno, lançando lhe em rosto esta pergunta apaixonada: “Sim, mas então o que é que dá sentido à toda uma vida? ” Esse jovem tinha compreendido exatamente que o homem existe num modo de ser diferente do de uma vela, por exemplo que está diante de nós a arder, em cima duma mesa (FRANKL, 2010b, p. 56).

Frankl vai defender a ideia que o homem sempre procura um significado para sua vida. Ele mesmo a chamou de “vontade de sentido”. Esta é a motivação primária que move o ser humano. Este sentido é único, e só pode ser encontrado pela própria pessoa. “Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido” (FRANKL, 2013, p. 124).

Frankl, não admite a ideia de viver apenas em função dos seus mecanismos de defesa. Ele acredita que o ser humano é capaz de viver e até mesmo de morrer por seus ideais. No entanto, Frankl vai observar que, na sociedade atual, o desejo de sentido permanece insatisfeito. Ele observa que existem pessoas que sofrem de um sentimento de vazio, de falta de sentido. “Cada vez mais pacientes reclamam de uma experiência que eles mesmos, geralmente, chamam de ‘vazio interior’, e essa é a razão pela qual Frankl passa a utilizar a denominação ‘vácuo existencial’”. (FRANKL, 2011, p. 105):

Na realidade, mais e mais pacientes nos procuram por sofrerem um vazio interior que tenho descrito sob a designação de vazio existencial. Padecem eles com a sensação de abissal ausência de sentido em sua existência. Seria erro supor que se trata de fenômeno circunscrito ao mundo ocidental. Ao contrário, foram dois psiquiatras tcheco-eslovacos, Stanislav Kratochvil e Osvald Vymetal, que numa série de publicações, chamam atenção sobre o fato de que “essa doença de hoje, a perda de sentido da vida, em especial entre os jovens, ultrapassa as fronteiras de ordem social capitalista e socialista”. (FRANKL, 1990b, p. 14).

O vácuo existencial, segundo Frankl, tem duas causas iniciais: carência instintiva e quebra de tradição:

Primeiramente, ao contrário do que ocorre com os animais, nenhum instinto ou pulsão diz ao homem o que ele *deve* fazer. Em segundo lugar, contrariamente ao que ocorria nas gerações passadas, nem convenção, nem tradição, sequer valores orientam o homem de hoje sobre o que ele *deveria* fazer; ora atualmente, muitas vezes, ele mal sabe o que deseja fazer. Neste estado de coisas, ou ele acaba querendo fazer o que os outros fazem, ou termina por fazer o que os outros querem que ele faça. (FRANKL, 2011, p. 105).

Em sua compreensão, o vácuo existencial em nossa sociedade, é um fenômeno crescente e se propaga sem precedentes. O ser humano é dirigido por esta vontade de sentido, que devido a vácuo existência é frustrada. Isso se reflete no seu comportamento, seja diante da bebida, da sexualidade ou do consumismo. A busca de sentido é substituída por uma busca desenfreada pelo prazer e pelo ter. De certa forma, tudo isso é para preencher a vontade de sentido. O desejo de sentido pode ser comparado com um buraco – quanto mais o homem busca, no prazer e nos bens materiais, preencher este buraco, o contrário acontece, mais ele cresce. Quanto mais ele tenta preencher o desejo de sentido com prazer, mais ele se entrega à frustração existencial, ou seja, ao vácuo existencial.

Frankl apresenta outro efeito consequente do vazio existencial: a neurose noogênica, “uma enfermidade de natureza menos mental do que espiritual, e não raro proveniente da convicção de que nada tem sentido” (FRANKL, 1978, p. 16). Contudo, a neurose noogênica deve ser compreendida como um dos efeitos do vazio existencial, que vai mais na linha de sintomas de uma enfermidade psicológica. A desesperança do homem pelo que a vida tem de valiosa não é, de modo algum, uma enfermidade, mas sim uma angústia espiritual.

Quando não se sabe para onde se está indo, qualquer caminho vale como certo. Vimos as problemáticas da falta de sentido. É necessário compreender o que é, para Frankl este sentido, o qual será trabalhado no próximo capítulo.

3.3 O SENTIDO DA VIDA

Para Frankl o homem tem um sentido em sua vida, ele é único e pessoal, não é dado e deve ser encontrado, mas é necessário assumir a responsabilidade sobre ele. Frankl refletiu muito sobre o sentido da vida, e é na sua Logoterapia, a

terapia através do sentido que ele vai desenvolver a necessidade e a possibilidade de encontrar um sentido na vida.

Frankl acredita que o sentido da vida não é algo que possa ser dado. Segundo ele isso seria moralismo. Frankl considera neste ponto a necessidade de superar a questão moral, na sua compreensão tradicional, partindo para uma relação de moral mais ontológica, ou seja, olhando para a natureza do ser. Em relação ao sentido não temos a questão do bem ou do mal, em relação ao que devemos ou não fazer, mas sim como as escolhas vão influenciar no sentido da vida. A realização do sentido, tanto no aspecto positivo ou negativo, tende a encaminhar para um sentido que deve ser encontrado.

Para enfatizar a questão que o sentido deve ser encontrado, Frankl faz referência ao teste de Rorschach. “Certamente é possível atribuir sentido a uma das manchas de Rorschach, mas aí o sentido tem uma origem na subjetividade de quem se submete a essa experiência projetiva” (FRANKL, 1978, p. 19). Possivelmente podemos encontrar um sentido nas interpretações das manchas, mas aí o sentido tem uma origem no indivíduo que está aplicando o teste. Na experiência, em relação a quem está se submetendo à avaliação, o sentido de sua vida é criado e dado por alguém. Frankl não concorda com isso, pois para ele a vida não é assim. A procura do sentido parte da compreensão das situações que se apresentam na vida, pois estas experiências levam a um encontro com o sentido (Cf. FRANKL, 1978, p. 17).

Este encontrar o sentido não pode ser produzido ou inventado. Mas existem situações em que o ser humano não possui mais a capacidade de determinar sua vida e tendem a criar um falso sentido, Frankl chama de “não senso”:

É no entanto, fácil de entender que o indivíduo que não mais esteja em condição de julgar que a sua vida tenha sentido, e muito menos de descobri-lo, venha a criar um não senso ou um sentido puramente subjetivo, na tentativa de escapar desse sentimento de vazio (FRANKL, 1978, p. 19).

Vemos claramente este efeito e consequência naquele indivíduo que sofre diante de uma vida sem um sentido, se encontra no não senso e busca nas drogas um efeito de transe para suprir o sofrimento. No uso das drogas ele acaba por produzir uma experiência falsa de sentido. Busca preencher o vazio, mas acaba vivendo à margem da própria vida. O resultado de uma situação como essa é que o indivíduo vai deixando de lado o sentido verdadeiro das tarefas autênticas do mundo externo, se entregando para um autorrealização, edificado sobre um falso prazer que vem de um falso sentido que foi produzido por ele mesmo.

Frankl acredita que o sentido da vida não só pode ser encontrado, como deve ser descoberto. Nesta busca ele afirma que o homem deve ser orientado pela consciência, ao qual ele chama de “órgão do sentido”. Ele afirma que só a consciência possui a capacidade de ajudar o homem a descobrir o sentido único e irrepetível que se esconde em cada situação da vida. Segundo ele:

Quanto ao ‘órgão do sentido’ – não órgão sensorial – que lhe transmite esse sentido, que por assim dizer o ‘fareja’ no interior de uma determinada situação, queria chamar-lhe consciência. A consciência pessoal é, pois, o órgão do sentido. Numa época em que as tradições e os valores universais que elas encerram se vão esboroando, educar significa, portanto, no fundo em última instância - e até diria, mais do que nunca – formar a consciência pessoal (FRANKL, 2003, p. 30).

A consciência, essa a qual Frankl considera como órgão do sentido, de certa forma é a geradora de responsabilidade. Esta capacidade que a inteligência humana possui de julgar sobre o valor moral das próprias atitudes, ajuda o ser humano a se questionar em cada momento de sua vida, qual é a forma de agir corretamente e o que deve fazer. Todo seu agir, que parte da sua consciência, consegue encontrar um sentido nas situações.

Frankl reconhece que se vive em uma sociedade em que a tradições que antes passavam uma certa segurança agora se desmoronam como um castelo de cartas. No entanto ele afirma que esta situação não é totalmente responsável pelo vazio existencial e que a impossibilidade de encontrar os sentidos universais, aos quais ele chama de valores, são reflexo de uma falta de educação para a responsabilidade.

Frankl comprehende que nesta época em que se vive uma epidemia de falta de sentido, a educação não pode ficar restrita a transmitir conhecimento. Deve sim, ajudar no desenvolvimento da consciência. E educação possui a capacidade de exercitar a consciência, para que ela desenvolva sua percepção:

Vivemos na era da sensação de falta de sentido. Nesta nossa época a educação deve procurar não só transmitir conhecimento, mas também aguçar a consciência, para que a pessoa receba uma percepção suficientemente apurada, que capte a exigência inerente a cada situação individual. Numa época em que os dez mandamentos parecem perder sua validade para tantas pessoas, o ser humano precisa ser capacitado a captar os 10000 mandamentos que se ocultam de forma cifrada em 10000 situações com as quais ele se confronta na vida (FRANKL, 1985, p. 67).

A consciência o “órgão do sentido”, como Frankl afirma, passa por uma educação crítica que ajuda o homem a caminhar para um senso de responsabilidade, enfrentando a realidade de uma sociedade mergulhada em um conformismo e totalitarismo alienante. Neste ponto, Frankl faz uma crítica à

sociedade, afirmando que “vivemos numa sociedade da superabundância; esta superabundância não é somente de bens materiais, mas também de informações, uma explosão de informação” (FRANKL, 1985, p. 67). Segundo ele, estamos diante de uma abundância de informações que são produzidos pelos muitos meios de comunicação, que fazem com que o homem viva “uma enxurrada de percepções sensoriais, não somente sexuais” (FRANKL, 1985, p. 67). Ele alerta que se caso não quisermos afundar em meio à promiscuidade, conformismo ou ao totalitarismo social, trazidos em parte pelos meios de comunicação precisamos saber discernir, por meio de uma consciência crítica. Como ele mesmo afirma:

Se a pessoa humana quiser subsistir ante essa enxurrada de percepções trazidas pelos meios de comunicação de massa, ela precisa saber o que é e o que não é importante, o que é e o que não é essencial, em uma palavra: o que tem sentido e o que não tem (FRANKL, 1985, p. 67).

Podemos observar o quanto a consciência é importante para a descoberta do sentido. Porém ela não está blindada a possibilidade de cometer erros. Frankl afirma que existe a possibilidade da consciência ter se orientado por uma ilusão, segundo ele:

A consciência também pode enganar a pessoa. Mais ainda: até o último instante, até o último suspiro a pessoa não sabe se ela realmente cumpriu o sentido de sua vida ou se ela apenas se enganou: *Ignoramus et ignorabimus*, não sabemos nem agora nem mais tarde. O fato de que nem em nosso leito de morte saberemos se o órgão de sentido, nossa consciência, em última análise não foi vítima de uma ilusão de ótica também implica que uma pessoa não sabe se não é a consciência do outro que tinha razão. Isto não quer dizer que não existe verdade. Somente pode haver uma verdade; mas ninguém pode saber se é ele e não o outro que a possui (FRANKL, 1985, p. 65).

Diante da liberdade haverá sempre a necessidade de construir uma consciência crítica. Só uma educação verdadeira poderá analisar e aprimorar a consciência crítica, que pode ajudar na busca do sentido.

Frankl recorda que também se faz necessário assumir uma responsabilidade diante da liberdade. Somos livres para encontrar o sentido, mas é necessário ser responsável para realizá-lo. Diante da responsabilidade, segundo Frankl, temos um misto de “atração” e “subtração”:

Com efeito, basta mergulharmos a fundo na essência da responsabilidade humana para logo sentirmos um estremecimento: há nela qualquer coisa de temível, se bem que haja nela também qualquer coisa de sublime! Temível é: saber que a cada momento arco com a responsabilidade pelo momento seguinte; que todas as decisões, as de menor e as de maior monta, são decisões “para toda eternidade”; que em cada momento realizo ou desperdiço uma possibilidade, a possibilidade desse momento é única. Cada momento encerra milhares de possibilidades, mas eu só posso escolher uma delas para realiza-la, condenando todas as outras

simultaneamente ao não-ser, e isto também “para toda eternidade”! Não obstante, é sublime o saber que o futuro, tanto o meu próprio futuro como o das coisas e o dos homens que me rodeiam, em certa medida, por pequena que seja, depende da decisão que eu tomo em cada instante. O que eu realizar com essa decisão, o que com ela “criar no mundo”, é qualquer coisa que ponho a salvo na realidade, preservando-a da caducidade (FRANKL, 2010b, p. 66)

A liberdade é temível e sublime, mas, com uma educação que ajuda na elaboração de consciência, é possível encontrar o sentido, sendo responsável. A luta por uma liberdade sem responsabilidade pode se transformar em arbitrariedade. Para elucidar tal ideia Frankl, sugere que deveria se construir uma estátua da responsabilidade na Costa Oeste dos Estados Unidos para haver um equilíbrio com estátua da liberdade da Costa Leste.

O homem é livre, mas com sua consciência age responsávelmente para encontrar o seu sentido. Na Logoterapia trabalha-se com o ser-responsável, sem considerações moralistas, mas sim numa linha fenomenológica. Não faz julgamentos de valor, mas limita-se a considerar os valores vivenciados pelo homem, o qual não exclui a relação com o sentido da vida, seja ela no trabalho, no amor ou no valoroso sofrimento que resiste – Nessa tricotomia, de acordo com a Logoterapia, é possível encontrar o sentido da vida. No próximo capítulo será aprofundado esses pontos.

3.4 TRÊS CATEGORIAS DE VALORES

Quando Frankl aborda, enfaticamente, a necessidade de um ser-responsável, que precisa realizar o sentido possível de sua vida, ele quer salientar que o verdadeiro sentido deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana. A essa característica ele chama de “a autotranscendência da existência humana”. Essa característica mostra que o ser humano direciona-se para algo ou alguém fora de si. Frankl é bem claro neste ponto, seja um sentido a realizar ou um outro ser humano a se entregar. Quanto mais uma pessoa dedica-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa, de certa forma mais ela se esquece de si mesma, mais humana será e sua caminhada para uma realização. Frankl chama atenção e diz que nunca se chegará a uma autorrealização, pois a autorrealização não é um objetivo que se alcança e se chega ao fim, mas pelo contrário, quanto mais se esforça e se dedica mais ela se afasta. Segundo Frankl, é como que um efeito

colateral da autotranscendência, o desejo de alcançar a autorrealização será sempre a energia motivadora, da busca da autotranscendência.

De acordo com a Logoterapia de Frankl, podemos encontrar o sentido por meio de três vias: os valores criativos, vivenciais e atitudinais (Cf. FRANKL, 1978, p.22). Ele delimita a questão existencial da vida humana quando liga os valores criativos com a criação de um trabalho ou praticando um ato; já os vivenciais com a atitude de experimentar algo ou encontrando numa outra pessoa, ou seja, no sentimento do amor; já o valor atitudinal ele encara pela atitude que a pessoa toma em relação ao sofrimento inevitável (Cf. FRANKL, 2013, p.135). Ele aprofunda a riqueza que são o mundo dos valores, mas alerta para que o homem não se fixe, por assim dizer, perante a um determinado grupo de valores, mas tenha uma atitude flexível para se mover de um grupo de valores de acordo com a situação que está vivendo, sempre sobre o senso do ser-consciente e ser-responsável (Cf. FRANKL, 2010b, p.73).

3.4.1 Valor criativo

Para Frankl não é a vida que questiona o homem sobre o sentido, mas sim ele que dá uma resposta à vida. O homem, quando parte do ser-responsável da sua existência dá uma resposta para vida. Este agir consiste na realização do valor criativo. O valor criativo do homem não pode ser substituído ou representado. Nele consiste um valor individual de cada um. Frankl afirma que é uma tarefa pessoal, num caráter de “missão”. Ou seja, este valor criativo é individual, cada indivíduo só pode realizar o seu. É importante compreender que este valor parte de um eu para o meu próximo. Ele é vivido e encontrado no outro. Por isso Frankl o classifica como uma missão.

Os valores criativos compreendem todas as nossas produções intelectuais, artísticas e de modo especial o trabalho profissional. Frankl reflete o valor criativo com uma profunda singularidade no trabalho profissional, mostrando a problemática que está ligado a ele:

Em particular, o trabalho pode representar o campo em que o “caráter de algo único” do indivíduo se relaciona com a comunidade, recebendo assim o seu sentido e o seu valor. Contudo, esse sentido e valor é inerente em cada caso, à realização (à realização com que se contribui para a comunidade) e não à profissão concreta como tal. Não é, por conseguinte, um determinado de profissão o que oferece ao homem a possibilidade de atingir a plenitude.

Nesse sentido, pode-se dizer que nenhuma profissão faz o homem feliz (FRANKL, 2010b, p. 160).

Para que o valor criativo seja encontrado no ambiente de trabalho, a pessoa deve não só fazer algo mecânico ou pensando em si, mas é na entrega e na motivação, que deve ser sempre o outro, algo para a comunidade.

Frankl apresenta o caso de uma paciente que afirma ser infeliz por causa do trabalho em que atua, mas projeta numa outra profissão a possibilidade de encontrar um sentido (FRANKL, 2010b, p. 160). Como Frankl afirmou, nenhuma profissão pode fazer o homem feliz, querer encontrar na profissão em si, a felicidade é uma deturpação do sentido do trabalho profissional. Segundo Frankl, quando a profissão concreta não traz consigo a sensação de plena satisfação, a culpa não é da profissão, mas sim do homem que está exercendo tal atividade. “A profissão, em si, não é ainda suficiente para tornar o homem insubstituível; o que a profissão faz é simplesmente dar-lhe a oportunidade para vir a sê-lo” (FRANKL, 2010b, p. 160). Para aquela paciente, Frankl reflete que é necessário mostrar que não é a profissão X ou P, mas como criamos no trabalho algo de caráter único, conferindo à nossa existência o pleno sentido.

A profissão dá a chance para que coloquemos à disposição os valores criativos para o outro, não apenas exercendo mecanismos automáticos. Frankl apresenta o caso de um médico que transforma a sua profissão em um ambiente em que ele se torna único na relação com os seus pacientes, encontrando um sentido criativo e se tornando insubstituível:

Efetivamente, o que é que se passa, por exemplo, com o médico? O que é que confere um sentido ao seu agir? Será porventura o fato de se comportar de acordo com as regras da arte? O fato de, num determinado caso, dar ao doente esta ou aquela injeção ou receitar-lhe um medicamento? Não; a arte médica não consiste apenas em conduzir-se em conformidade com as regras da arte. A profissão médica dá à personalidade médica, pura e simplesmente, o quadro de contínuas oportunidades para esta se realizar plenamente através do cunho pessoal que imprimir à respectiva obra profissional. O que o médico faz no seu trabalho – mas sem dúvida transcende o que neste há de puramente médico -, o que nele há, enfim, de pessoa, de humano, - eis o que forma o sentido desse trabalho e nele torna o homem insubstituível (FRANKL, 2010b, p. 161).

Este caso nos mostra que um médico que procede somente de acordo com a medicina, não se diferencia dos seus colegas, uma vez que qualquer outro médico pode aplicar injeções ou receitar medicamentos. Mas no momento em que o médico vai além das barreiras dos preceitos profissionais, ele assume um trabalho pessoal, no qual ele se torna único. Quando o médico é capaz de olhar o seu paciente para

além do estado, em que se encontra, e ser capaz de encorajá-lo, de mostrar sentimento, desejando não só a cura técnica, mas também o desejo de criar felicidade ou um sentimento de esperança no paciente. Para Frankl, só assim este profissional encontra no seu trabalho a oportunidade de encontrar e dar um sentido à sua vida.

Este exemplo que Frankl dá é bem oportuno, pois o médico está em contato com pessoas doentes ou fragilizadas, mas ele também fala do operário que trabalha oito horas puramente em uma atividade mecânica, como também do empresário. Ele acredita que em qualquer trabalho profissional existe a possibilidade de encontrar uma oportunidade para dar sentido à sua vida. No entanto, é necessário que o trabalho seja compreendido corretamente. Partindo do seu senso de responsabilidade, o ser humano comprehende que só ele pode encontrar e fazer, o seu algo de caráter único no seu ambiente de trabalho. “Sempre depende do homem: não do que ele faz, mas de quem o faz e do modo como faz” (FRANKL, 2010b, p. 161). Tanto o operário quanto o empresário, ou qualquer outro profissional, para Frankl, é necessário compreender o seu trabalho como um ambiente oportuno para servir, mesmo que a pessoa dependa do seu salário – Frankl não nega isso, mas o indivíduo não pode se centrar apenas no salário. O ser humano não pode ser guiado exclusivamente pelo desejo de acumular dinheiro, Frankl faz um alerta sobre as pessoas que são direcionadas apenas pelo desejo financeiro:

Quem não conhece esse tipo de homem que anda sempre a acumular dinheiro como meio de viver a vida, se esquece de enxergar a vida em si? Nesses casos, o que não passa de um meio de vida passou a constituir um fim em si. Nesses casos, o que não passa de um meio de vida passou a constituir um fim em si. Um homem assim tem muito dinheiro e o seu dinheiro tem ainda um “para quê”; a sua vida, porém deixou de ter. A ganância que o possui sufoca-lhe a vida verdadeira [...] (FRANKL, 2010b, p. 162).

Frankl comprehende que existe, no trabalho profissional, o caráter necessário do salário, mas a motivação para o dinheiro deve ser um meio para um fim. Ganhar os meios necessários para viver a vida para suprir as necessidades básicas com o conforto adequado sem exageros. É na ganancia e no desejo desenfreado de cada vez querer mais, que acabam por ofuscam a busca do real sonho de felicidade no valor de criação.

Diante do desemprego fica mais claro o significado existencial da profissão. Frankl aborda a questão do desemprego, tanto no seu sentido de neurose quanto de

superação. Ele desenvolveu o conceito de “neurose de desemprego”. O desempregado neurótico experimenta a vivência da desocupação como uma desocupação interior, sente um vazio em sua consciência. Sente-se inútil por estar desocupado. Por não ter trabalho acredita que sua vida não tem nenhum sentido. Frankl, defende que, nessa situação o desemprego é recebido pelo neurótico quase como que de braços abertos, pois agora ele tem a quem culpar:

Nestes casos, o desemprego é recebido pelo neurótico como um meio bem-vindo para se desculpar de todos os malogros da vida (não apenas os da sua vida profissional). Serve como que de bode expiatório que aguenta com todas as culpas de uma vida ‘estragada’. Os próprios erros passam a ser apresentados como resultados fatais do desemprego. ‘É, se eu não estivesse desempregado, outro gallo cantaria, seria tudo formidável’ (FRANKL, 2010b, p. 164).

O ser humano que passa por essa neurose, pensa que se não estivesse desempregado, tudo seria diferente. Coloca sobre ele um coitadismo e acaba não assumindo a responsabilidade por sua vida. Nada exige de si mesmo. Vivem uma vida provisória, esperando que tudo se resolva como mágica. Por mais que o neurótico acredite que está condicionado e que não existe uma saída, Frankl defende que fazendo com que ele assuma uma atitude de tomada de decisão é possível encontrar uma saída. Ele afirma que é possível evidenciar que o homem pode assumir as rédeas da situação, tudo pode ser diferente. Ele não está inerte às forças do destino social. Assumindo a responsabilidade ele pode e deve superar esta neurose.

Frankl mostra a diferença que existe quando um homem, que vive o seu valor criativo, muito além do “profissional”, pois mesmo diante do desemprego, ele tende a assumir uma outra postura. A sua atitude é totalmente diferente;

É o que se pode concluir, sem dúvida, do fato de haver outro tipo de desempregados, além dos tipos neuróticos que acabamos de definir. Referimo-nos àquele que se encontra entre os homens que, vendo-se obrigados a viver nas mesmas situações econômicas desfavoráveis dos que padecem a neurose do desemprego, apesar disso, continuam livres dela, sem darem impressão nem da apatia nem de depressão, conservando até uma certa serenidade. (FRANKL, 2010b, p. 165).

Frankl comprehende que os homens que possuem uma atitude diferente diante do desemprego, tem em sua vida bem claro a vivência dos valores criativos que transcendem o seu eu. Eles ajudam espontaneamente obras de caridade, são voluntários em diferentes frentes sociais, que trabalham não pelo lucro, mas simplesmente pelo desejo de querer ajudar ou construir algo bom para todos. Frankl também mostra que eles possuem uma responsabilidade com o seu tempo livre,

lendo, indo a conferências e escutando uma boa música. Mesmo diante do desemprego, sabem dar pleno sentido ao excesso de tempo livre, e desta maneira, conferem uma plenitude de conteúdo à sua consciência, ao seu tempo, à sua vida.

Eles não se deixam cair no desespero, pois souberam, muita antes de ficar sem o emprego, souberam dar à vida um conteúdo e encontraram um sentido. Eles compreenderam que o sentido da vida humana não se reduz ao trabalho profissional. Assim, Frankl mostra que tanto o desemprego quanto o trabalho profissional podem encaminhar para uma fuga do sentido, levando a um fim neurótico. “Com efeito, a dignidade do homem proíbe-o de transformar num meio, um simples meio do processo de trabalho; denega-lhe a degradação de vir a ser puro meio de produção” (FRANKL, 2010b, p. 167). A capacidade de trabalho profissional não é fator inestimável para encontrar na vida o sentido, a pessoa pode trabalhar e não ter sentido, e ao contrário, ser incapacitado de trabalhar, mas ter um sentido.

Este foi um dos fatores dos valores criativos, o trabalho profissional, mas este valor é muito amplo. Quando Frankl classifica como valor criativo, ele sugere este desejo dum agir criativo, que em particular transforma o agente em uma pessoa que se distingue da maioria, se tornando único, sem poder ser substituído ou representado. Ele encontra neste agir criativo um valor, um sentido. Um desses espaços possíveis, no trabalho profissional. Que vai além do desejo de ganhar dinheiro, mas ali ele experimenta que é possível contribuir com as pessoas ou com o mundo.

3.4.2 Valor de vivência

Vimos que basicamente e que caracteriza o sentido da existência humana é o “caráter de algo único”. Na perspectiva dos valores criadores podemos compreender que o ser humano pode encontrar sentido na criação humana, em que ele usa o seu valor criador para o outro, ou seja, para uma comunidade. Contudo, existe a possibilidade de encontrar um sentido numa comunidade mais delimitada, ou seja, uma comunidade constituída de duas pessoas, um casal:

A comunidade também pode ser aquilo para que se orienta a vivência humana. Especialmente a comunidade a dois: a comunidade de um eu com um tu. Se prescindimos do amor num sentido mais ou menos metafórico, para nos atermos ao amor no sentido de eros, temos que o amor representa o campo onde de um modo especial são realizáveis os valores de vivência.

O amor é, afinal, a vivência em que, pouco a pouco, se vive a vida de outro ser humano, em todo o seu ‘caráter de algo único’ e irrepetível (FRANKL, 2010b, p. 172).

Para Frankl, o amor é um dos elementos imprescindíveis dos valores vivenciais. Este amor é direcionando a uma outra pessoa que se transforma em um valor de “caráter de algo único”. Embora Frankl acredite que o amor é como uma “graça” e não existe um mérito em si para a pessoa que ama ou é amada. Ele reflete sobre um caminho do amor: o caminho do ser-amado.

Frankl, partindo da psicoterapia, olha para o homem em sua totalidade de corpo, alma e espírito; considera em particular, que além do físico do homem, deve tomar como ponto de partida, não apenas o anímico, mas também o espiritual. Nesse contexto, reflete as diferentes atitudes que pode tomar o homem como sujeito que ama e experimenta a vivência do amor e a vivência do outro, nesse amor com quem ama. As três dimensões humanas também correspondem a três possíveis formas de atitude, sendo elas: atitude sexual, erótica e o amor (Cf. FRANKL, 2010b, p.173)

“A mais primitiva destas atitudes é a sexual. Neste caso, da aparência física de uma pessoa emana um atrativo sexual que desencadeia em outra, sexualmente predisposta, o impulso sexual, afetando-a, portanto, na sua corporalidade” (FRANKL, 2010b, p. 174). Uma relação que busca apenas o impulso sexual, de certa forma se torna vazia. Não é possível dizer que ele é o primeiro passo ou que é negativo. O que Frankl reflete sobre o impulso sexual, é que pode existir algo a mais, que supere este impulso. De certa forma que possa construir algo, de caráter único, para outra pessoa. Ele reflete sobre a atitude da eroticidade.

A atitude erótica é superior ao impulso sexual. Frankl deixa claro que não quer dizer que na eroticidade não exista o desejo sexual, mas sim, que esta atitude erótica não é ditada pelo impulso sexual, ela é muito mais profunda. Frankl reflete que a eroticidade está mais ligada ao tecido anímico. Ou seja, existe uma relação entre dois seres humanos, em que se identifica como “paixão de namorados”. “As qualidades físicas os excitam sexualmente, mas as qualidades anímicas são as que os tornam ‘enamorados’” (FRANKL, 2010b, p. 174). A sexualidade está direcionada ao corpo, já na eroticidade ao anímico que de certa forma está direcionado à alma. Na eroticidade não existe apenas excitação do corpo, mas existe o início de um movimento para um psíquico, ou seja para o espírito que origina o amor.

Frankl afirma que o amor é a forma mais elevada do erótico. Existe uma profunda relação com a outra pessoa. Este entrar em relação não apenas no corporal ou emocional, mas sim espiritual:

Nestes termos, a relação direta com o que há de espiritual na outra parte significa a mais alta forma possível de companheirismo. Quem ama neste sentido, também não se sente, por sua vez, excitado na sua corporalidade, nem comovido na sua emocionalidade; antes se acha tocado no mais fundo do seu espírito; tocado, sim, pelo portador espiritual da corporalidade e do anímico da outra parte, pelo seu cerne pessoal. Amor é, portanto, a atitude que relaciona diretamente com a pessoa espiritual do ser amado, com a sua pessoa precisamente no que ela tem de exclusivo “caráter de algo único” e de irrepetibilidade (os únicos rasgos que a constituem como pessoa espiritual!) (FRANKL, 2010b, p. 175).

O amor não se fundamenta em gostos ou preferências, muito menos em características físicas, ou simplesmente no impulso sexual. O amor se constrói no conhecimento e no desejo de ser insubstituível com a pessoa amada. Frankl afirma que o amor dá àquele que ama uma capacidade de ver com mais profundidade os valores, abre-lhe o espírito ao mundo, na sua plenitude de valores (FRANKL, 2010b); Na afirmação que o amor deixa cego, em que a pessoa não vê senão apenas as qualidades do amado. Muito pelo contrário, “o verdadeiro amor, faz com que o homem veja com mais nitidez e em profundidade” (FRANKL, 1990b, p. 79). O amor guia para um encontro profundo com o outro:

O amor me parece dar um passo além do puro encontro, na medida em que não se trata somente de reconhecer no companheiro o elemento humano, mas de identificar nele a singularidade, a originalidade – em uma palavra, a “pessoa”. O homem é pessoa, visto que não se limita a ser um indivíduo entre muitos, mas é diferente dos outros. E considerando que quem ama concebe o amado em sua singularidade e originalidade, vê-se que o amado é, para quem o ama, um “tu” (FRANKL, 1978, p. 64).

O ser amado se torna único em meio a tantos, pois na relação pode ir ao mais profundo do ser, conhecendo-o e torna-o uno. É como na famosa história de Antoine de Saint-Exupéry, em que o Pequeno Príncipe se confronta com as rosas no jardim, e fica desapontado pois imaginara que sua rosa era a única no mundo. A raposa o ajuda, explicando que a sua rosa é única, pois ela o cativou, e naquele momento se distinguiu de todas as outras rosas.

Frankl faz a reflexão que quando o homem ama, aquele aquém direciona o seu amor, se torna único e irrepetível. O amor já não está ligado apenas à aparência, como no desejo sexual, se direciona à pessoa espiritual do ser amado. Para explicar esse ponto, Frankl dá o exemplo do amor que não pode ser transferido para um sócia:

Imaginemos que uma dessas pessoas simples ama uma outra determinada e que, em seguida, a perde, ou porque morreu ou porque empreendeu viagem, ficando dela separada longo tempo. Apresentemos-lhe então uma espécie de sósia da pessoa amada, alguém que seja, tal e qual, do ponto de vista psicofísico, o objeto do seu primeiro amor. Pois bem: se lhe perguntarmos se poderia transferir para este sósia, pura e simplesmente, o amor com que amava o ser amado, não poderá deixar de confessar-nos que não é capaz de tanto. É que semelhante ‘transferência’ de um autêntico amor é inconcebível (FRANKL, 2010b, p. 178).

Compreende-se que a pessoa verdadeiramente ama quando constitui-se esse caráter único, que perpassa a aparência ou o tempo. Este valor da vivência, que constitui o amor, contribui para que o homem encontre o sentido, pois “o ser do homem é, por sua essência, um ser que está ordenado para algo, que se dirige a algo, quer esse algo seja alguém, quer seja uma ideia ou uma pessoa” (FRANKL, 2010b, p. 102). Como se afirmou antes, para Frankl, o homem só se realiza quando se entrega ao outro. Numa atitude responsável o homem caminha em direção ao amor. Nesta relação tanto quem ama quanto quem é amado, ambos tendem a crescer, tudo se torna mais vasto e valioso. Ambos tendem a enriquecer, no enamoramento verdadeiro e profundo a relação irradia uma luz sobre os valores da vida, possibilitando que trilhem um caminho cheio de sentido diário. Como Frankl afirma, o verdadeiro amor não nos deixa cego, mas sim, videntes.

Para Frankl não se pode falar do sexo sem falar do amor. No entanto, o sexo, para ele, foi banalizado, trabalhado no âmbito reducionista, se tornou apenas um impulso sexual. Pode-se ver o quanto o amor pode transcender os seres humanos. O sexo quando contemplado dentro de uma relação com amor verdadeiro contribui para a busca da realização do homem:

Para o ser humano sexo é mais do que mero sexo e é mais que sexo na medida em que serve como expressão física de algo metassexual, ou seja, a expressão física do amor. Somente na medida em que o sexo assume essa função, ele é realmente uma experiência gratificante. Maslow (1964) tinha razão ao assinalar que “quem não ama não alcança o mesmo tipo de vibração sexual como quem está amando” (p. 105). Conforme 20.000 leitores de uma revista americana de psicologia que responderam um questionário a respeito, o fato mais influente na potência e orgasmo é o romantismo – o que é uma coisa que só acontece quando há amor (FRANKL, 2005, p. 74).

A desumanização do sexo e a banalização do impulso sexual tendem a levar o homem para inúmeros distúrbios neuróticos sexuais. Como também viver numa constante troca de parceiros, segundo Frankl é um caminho que leva para a “morte do amor”. Os tabus sexuais estão em declínio, mas Frankl recorda, que uma liberdade no campo sexual tende a ir para um caminho licencioso caso não for trabalhado com responsabilidade.

A atitude sexual, como abordamos no início, é uma das mais primitivas atitudes do homem, mas “o amor é um fenômeno tão primário como o sexo. Normalmente, sexo é uma modalidade de expressão do amor. O sexo se justifica, e é até santificado, no momento em que for veículo do amor” (FRANKL, 2013, p. 136). “A sexualidade é realmente desvalorizada na proporção em que se desumaniza” (FRANKL, 1978, p. 64). Quando a sexualidade é vivida apenas no impulso, tende a se transformar em neuroses e atitudes vazias. “Por conseguinte, o homem realmente amadurecido, a rigor só pode desejar sexualmente a pessoa que ama; para ele, só se pensa numa relação sexual quando a sexualidade pode ser expressão de amor” (FRANKL, 2010b, p. 207). O amor, quando encontrado e exercido numa ótica responsável tende a ajudar o homem a encontrar o sentido e ver sentido na vida.

Frankl apresenta um terceiro valor no qual é possível encontrar o sentido. O valor de atitude. Em si, consiste na atitude que a pessoa assume diante do sofrimento. Encontrando um sentido diante da dor, que o ajuda a continuar dizendo sim à vida.

3.4.3 Valores de atitude

Nos dois capítulos antecedentes se trabalhou sobre os valores criadores e vivenciais. Nesse será trabalhar sobre aqueles aos quais Frankl apresenta como valores de atitude. Esse se caracteriza na atitude que o homem tem frente ao sofrimento. Ele vai refletir sobre o sentido que existe no sofrimento. As possibilidades dos valores, tanto criadores quanto vivenciais, podem ser limitadas e, portanto, se esgotam; já as capacidades de preenchimento de sentido do sofrimento são ilimitadas (FRANKL, 1978, p. 236). Numa escala, Frankl coloca os valores atitudinais mais alto do que os criadores e os vivenciais.

Para realizar valores criadores, necessito de alguns talentos; mas não preciso buscá-los, basta utilizá-los, se os tenho. Para realizar valores vivenciais, também necessito de algo de que já disponho, quer dizer, os órgãos respectivos – ouvidos para escutar uma sinfonia, olhos para contemplar uma árvore, e assim por diante.

Mas para realizar valores atitudinais não basta ter uma faculdade criadora ou uma simples faculdade vivencial, é preciso, além disso, ter capacidade de sofrer, o que não se recebe de presente, requer ser conquistado através do próprio sofrimento (FRANKL, 1978, p. 236).

O sofrimento é o sentimento que se tem diante de uma perda, uma doença, apenas surge interrompendo os planos, não é algo que se espera. O valor atitudinal pode se realizar nesta situação inelutável que se apresenta na vida tal qual é:

Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação – podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar –, somos desafiados a mudar a nós próprios (FRANKL, 2013, p. 136).

Frankl chama atenção, e diz que existe diferença entre o sofrimento necessário e desnecessário, é muito importante poder distinguir entre eles. O valor atitudinal só existe exclusivamente no sofrimento necessário. Frankl apresenta como sofrimento desnecessário o comportamento do escapista e do masoquista:

Quem souber que pode eliminar, através de uma intervenção cirúrgica, o sofrimento originado por uma doença e não o fizer, ou bem padece por medo, ou quer bancar o herói e o mártir. O medo à operação equivaleria ao escapismo; o segundo comportamento mencionado corresponderia ao masoquismo. O escapista foge do sofrimento necessário; o masoquista visa um sofrimento desnecessário. Se o escapismo significa queixume, o masoquista representa deleite na dor (FRANKL, 1978, p. 246).

O masoquista encontra prazer no sofrimento, tirando dele a sua necessidade. No entanto, existe aquele contrário ao masoquista que não tem no sofrimento a finalidade em si mesmo, mas antes tem no sofrimento um viés do qual por amor ele sofre. Seria o caso quando se oferece como sacrifício, como exemplo temos o sofrimento voluntário, o qual pode ser associado ao martírio. Para conseguirmos compreender bem a diferença do masoquista e do martírio, temos o exemplo do Frade Franciscano, Frei Maximiliano Maria Kolbe³, que também foi feito prisioneiro em Auschwitz. Após uma fuga de um prisioneiro, como castigo, eram escolhidos, aleatoriamente, prisioneiros que deveriam morrer de fome em uma cela, como castigo. Quando um homem foi escolhido e em pânico começa a chorar, Maximiliano se coloca como voluntário. Três semanas depois ele morre, não de fome, mas com uma dose de uma injeção letal, pois os nazistas precisavam da cela e Kolbe era o último e estava demorando para morrer. Aqui compreendemos que o martírio por amor é aceito, pois existe uma entrega voluntaria, pura e de total doação. Existe um sentido no sofrimento;

³ FRANCISCANOS.ORG. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=59453>>. Acesso em: 28 set. 2015.

Ora, para poder fazer do sofrimento o objeto de uma intenção tenho previamente de transcendê-lo. Em outras palavras: a fim de dar um sentido ao sofrimento, devo sofrer por alguém, por amor a alguém. O sofrimento, para ter finalidade, não pode bastar-se a si mesmo. Do contrário, tornar-se-á masoquismo. Sofrimento significativo equivale a “amor por”. Aceitando-o, não só o fazemos alvo de uma intenção, mas vimos através dele algo que não é idêntico a ele. Transcendemos, assim, o sofrimento (FRANKL, 1978, p. 243).

“Os homens se enganaram e enganaram os outros, tentando acreditar que com o auxílio da *actio* e da *ratio* conseguiram acabar com a dor, a miséria e a morte” (FRANKL, 1978, p. 243). O sofrimento, segundo Frankl, tem papel de ser “lembrete”. Para ele “o que o sofrimento faz é salvar o homem da apatia, da rigidez mortal da alma. Enquanto sofremos, continuamos a viver da alma. É claro que no sofrimento amadurecemos e crescemos” (FRANKL, 2010b, p. 153).

A atitude de maturidade diante do sofrimento consegue encontrar e dar um sentido, até mesmo na dor. Como nas vivências amorosas mal sucedidas, que tanto fazem sofrer. Mas encarnada por uma atitude madura tende a encontrar nesta situação amadurecimento e um crescimento que não teria se tivesse apenas relacionamentos exitosos. Mas também é necessário direcionar a dor para encontrar o seu sentido, como mostra Frankl na partilha de um caso:

Certa vez, um clínico geral de mais idade veio consultar-me por causa de uma depressão muito profunda. Ele não conseguia superar a perda de sua mulher, que falecera fazia dois anos e a qual ele amara acima de tudo. Bem, como poderia eu ajudá-lo? Que poderia lhe dizer? Abstive-me de lhe dizer qualquer coisa e, ao invés, confrontei-o com a pergunta: “que teria acontecido, doutor se o senhor tivesse falecido primeiro e sua esposa tivesse que lhe sobreviver?” “Ah!”, disse ele, “isso teria sido terrível para ela; ela teria sofrido muito!” Ao que retruquei: “veja bem, doutor, ela foi poupar desse sofrimento e foi o senhor que a poupar dele; mas agora o senhor precisa pagar por isso, sobrevivendo a ela e chorando sua morte”. Ele não disse uma palavra, apertou minha mão e calmamente deixou meu consultório. (FRANKL, 2013, p. 137).

O sofrimento, quando encarado com uma atitude de maturidade, possibilita que se encontre um sentido, ou se dê um sentido, ele deixa de ser apenas um sofrimento. Na atitude do enlutado ou do arrependido, parecem sem sentido, mas pelo contrário, elas ajudam no amadurecimento e no crescimento. Pois, tanto o luto como o arrependimento, têm o seu sentido na história interior do homem. “O luto por um homem, que amamos e perdemos, fá-lo de algum modo sobreviver; e o arrependimento do culpado, é como se o fosse ressuscitar, libertando da sua culpa”. (FRANKL, 2010, p. 152). Ambas são atitudes maduras e responsáveis, mas o contrário tende a ser muito pior, é o exemplo da fuga do sofrimento por meio da

diversão e narcotização, em que o homem acredita que vai resolver o problema do sofrimento, mas isso não passa de uma fuga:

O homem que, para esquecer uma infelicidade, se diverte ou tenta anestesiar-se pela narcotização, não resolve nenhum problema, não acaba com uma infelicidade; acaba, sim, e simplesmente com uma consequência da infelicidade: o mero estado afetivo do desprazer. Quando apenas se diverte ou narcotiza, o homem “não quer saber de nada”. Tenta fugir à realidade. (FRANKL, 2010b, p. 153).

Como na frase que Frankl cita Nietzsche em que diz, “mas não era o sofrimento o seu problema, e sim o fato de não achar resposta para a questão angustiante: para que sofrer? ” (FRANKL, 1978, p. 187). A vivência do valor atitudinal se faz necessário a descoberta do sentido no sofrimento, caso contrário a angústia é ainda maior. “Ao aceitar esse desafio de sofrer com bravura, a vida recebe um sentido até o seu derradeiro instante, mantendo esse sentido literalmente até o fim” (FRANKL, 2013, p. 138). E nisso consiste a possibilidade de encontrar sentido no valor atitudinal. É pela atitude que se toma diante da vida e de situações de dor e sofrimento que encontramos a possibilidade de transcender – só com ela será possível encontrar um sentido, mesmo diante do sofrimento.

4 O SENTIDO DA VIDA PARA O JOVEM

Neste capítulo queremos trabalhar sobre o sentido da vida para o jovem. Vamos nos deter nos escritos de Frankl e de seus comentadores, em especial Elisabeth Lukas, a qual trabalhou com Frankl.

Embora Frankl fale da juventude com a qual teve contato⁴, e, em momentos, os pontos que se vai trabalhar vão se conectar com a problemática do jovem atual. As reflexões dos textos referentes aos jovens se assemelhem aos jovens de hoje. De certa forma, o grito pelo sentido da vida é tão atual como o foi no tempo de Frankl, mesmo que por momentos acredita-se que a evolução tecnológica ou da sociedade tenha feito o ser humano evoluir. E que possa existir a crença de que aquilo que Frankl falou naquele tempo não faça sentido para os dias atuais. Pelo contrário, a teoria de Frankl nunca pareceu tão atual, sendo ela uma resposta verdadeiramente inserida em nosso tempo, pelo questionamento sobre o sentido da vida, em especial para os jovens que vivem sem sentido.

4.1 CONSEQUÊNCIAS DA FALTA DE SENTIDO NO TEMPO DA JUVENTUDE

Segundo o dicionário, “jovem é quem está na juventude, período de vida entre a infância e a idade adulta” (Houaiss, 2008, p. 443). Este tempo da puberdade Frankl chama de o “homem jovem”, é um dos momentos cruciais do desenvolvimento, sejam eles biológicos ou psicológicos. Durante o tempo em que acompanhou os jovens nos Centros de Aconselhamentos para Jovens, Frankl pode compreender que este tempo é um dos mais complexos para a busca do sentido da vida, ou seja, é um momento que a pessoa precisa encontrar o sentido de sua vida,

⁴ Viktor Frankl morreu aos 92 anos. Viveu inúmeras experiências em sua longa vida. Nasceu na Europa e lá viveu. Depois se mudou para os Estados Unidos. Quando estudante viveu a sua juventude como um jovem normal. Com apenas 17 anos manteve contato com o pai da psicanálise, Sigmund Freud. Com 21 anos, apresentava palestras e ajudou na construção dos Centros de Aconselhamentos para Jovens. Nestes espaços tinha um profundo contato com os jovens. Os Centros tinham objetivo de prevenir suicídios, em especial de jovens, como também acompanhar jovens que haviam sobrevivido a tentativas de suicídios. Frankl se forma em medicina, e exerce sua profissão como um médico jovem. Frankl tem 33 anos quando a Áustria é anexada pela Alemanha. Ele sofre os efeitos da guerra eminente por ser judeu. Mas continua trabalhando, conhece sua primeira esposa. Casou-se com ela em meio a guerra, Frankl tem 37 anos. O que se segue depois disso é relatado por ele no seu famoso livro *Em busca de Sentido, um psicólogo no Campo de Concentração*. Quando Frankl é libertado e retorna para casa, ele tem 40 anos. A vida segue seu curso, Frankl recomeça. Começa a dar aulas nos Estados Unidos, lá tem contato com muitos jovens universitários. É dessas experiências que podemos compreender quais são os jovens com os quais Frankl tem contato, e aos quais ele se refere.

mas ele está apenas no início, lhe falta responsabilidade sobre a sua vida, e sua consciência, órgão do sentido, ainda está num processo de amadurecimento:

O problema do sentido, posto em toda a sua radicalidade, pode francamente abater um homem. É este o caso corrente, sobretudo na puberdade, portanto na época em que a problemática essencial da existência humana se abre ao homem jovem, que vai amadurecendo e lutando espiritualmente (FRANKL, 2010b, p. 56).

Sabemos que, para Frankl, o “homem, no seu mais profundo ser, não almeja tanto bens materiais, felicidade, poder, sexo etc., como normalmente se presume, mas uma vida plena de sentido” (LUKAS, 1990, p. 15). No entanto a sociedade vive uma crise da falta de sentido, o tédio e vazio se espalham entre sociedade, com grande força entre a juventude.

Frankl afirma que esse efeito é um reflexo da carência instintiva e da quebra da tradição. “Em contraste com os animais, nenhum instinto ensina ao homem como é preciso agir; nenhuma tradição o ajuda a encontrar o caminho do dever. Frequentemente, parece até que ele nem sequer sabe o que deseja” (FRANKL, 1978, p. 16). Este vazio existencial, pode levar as pessoas a uma neurose, a que Frankl deu o nome de “neurose noogênica”. A neurose noógena influencia na capacidade do homem de encontrar o seu sentido, deixando com que ele viva constantemente um sentimento de insatisfação de sua existência. Esses efeitos ficam mais claros quando Frankl nos diz “que as pessoas vivem, na atualidade, num vazio existencial e que esse vazio existencial se manifesta sobretudo através do tédio” (FRANKL, 1990b, p. 14). Com o sentimento de tédio, conseguimos observar com mais clara evidência, estes efeitos no homem. Em especial entre os jovens, e não só os jovens da Europa. “[...] o fato de que ‘essa doença de hoje, a perda do sentido da vida, em especial entre os jovens, ultrapassa as fronteiras da ordem social capitalista e socialista’ ”. (FRANKL, 1990b, p. 14).

As consequências da falta de sentido são muitas para todas as gerações, mas são os jovens que estão mais vulneráveis:

Sabemos atualmente que os jovens normalmente possuem uma capacidade menor de encontrar o sentido interior do que as pessoas mais velhas. Com base em entrevistas realizadas com 1.000 pessoas, em um procedimento especial de testagem psicológica desenvolvido a partir dos resultados dessa entrevista, consegui estabelecer, já em 1971, uma curva de sentido em relação à idade, que dá indicação sobre a quantidade de sentido experiência subjetivamente nas várias faixas etárias, em média (LUKAS, 1990, p. 16).

É possível ver, pela pesquisa de Lukas, que o jovem está numa área de vulnerabilidade, mas ao mesmo tempo anseia por um sentido e este desejo, esta busca é muito mais forte do que nos outros momentos da vida do homem:

Trata-se, naturalmente, de valores médios, que não se aplicam necessariamente a cada indivíduo em particular, mas que demonstram claramente que o fato de ser jovem implica uma busca e luta por objetivos e conteúdos vitais, em prol dos quais valha a pena engajar-se, tornando-se um anseio próprio. A grande aspiração do jovem é justamente encontrar algo que lhe seja importante e significativo, uma causa ou um amor, que possa e queira assumir (LUKAS, 1990, p. 17).

Na mesma proporção que o jovem anseia pelo sentido, ele é um dos que mais sofre e com muito mais intensidade. Quando se dirigia para uma conferência nos Estados Unidos, em que trabalharia com o tema; “Estará doida a nova geração?” – Frankl contou ao taxista o tema de sua palestra e perguntou o que ele pensava sobre isso;

Foi somente quando me pus sério e lhe perguntei o que pensava efetivamente sobre o tema, que ele me respondeu, palavra por palavra: “Of course the are. They kill themselves, they kill each other and they take dope”. É claro que estão doidos. Matam-se a si próprios, matam-se uns aos outros e tomam drogas (FRANKL, 2003, p. 07).

Naquele momento o taxista deu “os três sintomas básicos da neurose coletiva atual: depressão, agressão e adição (dependência de drogas) ” (FRANKL, 2003, p. 07). Frankl afirma que os jovens por serem mais vulneráveis tendem a sofrer muito mais, devido às consequências do vazio existencial instaurado na sociedade. As consequências são profundamente avassaladoras, como ele afirma, dando o exemplo, em que no sul da Califórnia, “se pode comprovar que as taxas de suicídios, de dependência de drogas e de criminalidade entre a juventude universitária crescem sem parar” (FRANKL, 2003, p. 07).

Para Frankl não basta apenas detectar os sintomas e consequências dessa “doença”. Mas é necessário compreender o que está por trás desses fenômenos, como ele cita: “por que razão, por exemplo, nos defrontamos com taxas crescentes de suicídio? ” (FRANKL, 2003, p. 07). Frankl pôde comprovar, em suas pesquisas, tanto com estudantes que já tinham tentado cometer suicídios, com jovens presos em centro para infratores ou usuários de drogas, que todos se ligaram, com o mesmo pressuposto: a falta de finalidade na vida. Todos sentiam ausência profunda de sentido nas suas vidas, porém se tornou um tabu, falar ou questionar sobre o sentido:

Como vemos, vale a pena reconhecer a existência deste sentimento de falta de sentido e observá-lo mais de perto, ao tratarmos da patologia do nosso

tempo. Não é uma tarefa fácil, pois costumamos estar aferrados a clichês e temos um pânico de tabus. É o que diz Nicolas Mosley, autor de um romance publicado nos Estados Unidos, *Nathalie*, Nathalie do qual extraio essa citação: “Há um assunto que nos nossos dias se tornou um tabu, da mesma forma como a sexualidade era tabu há algumas décadas: é o de falar da vida como se ela tivesse algum sentido”. Atualmente, é proibido afirmar que a vida tem sentido; é um tema tabu (FRANKL, 2003, p. 09).

Frankl afirma que é necessário buscar o sentido, principalmente no tempo da juventude. Em uma pesquisa com mais de 8000 estudantes de mais de 50 universidades, Frankl pôde confirmar que “16% dos estudantes entrevistados tinham como finalidade principal em suas vidas ‘fazer dinheiro’, mas 78% tinham como a mais profunda aspiração da sua vida ‘to see a meaning and purpose in my life’ – encontrar um sentido e uma finalidade para a sua vida” (FRANKL, 2003, p. 7). Essa busca norteia o jovem, mas por ser tão complexa, se não encontrado, o leva ao vazio e frustração e as consequências são nocivas para a vida.

4.2 O JOVEM EM BUSCA DE SENTIDO

Vimos que o jovem anseia por um sentido, mas é interessante compreender que nessa busca ele pode errar. Mas quando o erro se torna um aprendizado ele faz parte do amadurecimento e aprendizado:

É óbvio que essa busca e luta podem levar a desvios e becos sem saída, que até possam se revelar como desprovidos de sentido. Aos jovens precisa ser concedido o direito de cometer erros e de efetuar modificações para corrigirem a direção de suas vidas, mesmo que esses erros e modificações sejam por vezes dolorosos, como, por exemplo, mudanças repentinas na formação acadêmicas e/ou profissional e troca de círculo de amigos. Nem sempre essa correção na direção da vida tem o efeito desejado, podendo até afastar o jovem ainda mais do seu verdadeiro objetivo; mas também isso deve ser aceito como tributo a ser pago ao processo de busca de sentido (LUKAS, 1990. p. 18).

Tudo neste período, quando encarado com liberdade e responsabilidade é “aprendizado para a vida”. Os erros cometidos durante o tempo de juventude tentem a funcionar como experiência de vivência, ou seja, não serão cometidos quando adulto.

Isto tudo é um processo, um caminhar. O jovem está em um caminho de busca de sentido. Ele não deve nunca parar. No entanto, quando os tombos são fortes e afetam o jovem, ele pode interromper o caminho, o que se torna prejudicial para o seu desenvolvimento. Sem sentido o jovem tende a preencher esse vazio com prazeres, mas estes nunca lhe darão o pleno sentido, apenas o afastam do real sentido. Prejudicando a sua própria vida:

Os jovens que param no meio do caminho dessa busca, sem terem alcançados seu objetivo, permanecem no vago espaço intermediário entre a busca e o insucesso em ter encontrado o objetivo dessa busca, onde estão mentalmente em perigo. Tornando-se então fácil enveredar para o mundo ilusório da droga, para a tirania de uma seita, ou para a atitude obstinada de um eterno oposicionismo. Em outras palavras, a carência de sentido pleno do jovem é um estágio passageiro normal, mas que pode tornar-se uma armadilha para uma vida esperançosa que não soube se desenvolver (LUKAS, 1990, p. 18).

Muitos podem ser os mecanismos de escape da frustação existencial. Aquele que vive o vazio ou o ocaso de sua existência, deseja, no prazer excessivo, preencher em vão essa busca de sentido. O jovem que toma uma atitude presentista, permanece no vazio existencial, agindo de uma forma errante diante da vida. (FRANKL, 2010b). Diante da dificuldade de encontrar o sentido, tende a fugir, ao qual Frankl chama de “festas”:

Refiro-me àquelas ocasiões. As “festas” por exemplo, em que adrede e temporariamente se afasta da vida determinada por um sentido, para se entregar à embriaguez; à embriaguez, que dizer, àquele estado de esquecimento de si mesmo que o homem provoca intencional e artificialmente, para se desonrar, de tempos a tempos, da impressão da sua responsabilidade essencial que, de quando em vez, lhe parece demasiado pesado (FRANKL, 2010b, p. 58).

Não é possível viver apenas pelo prazer. Ele jamais será o fim último de todos os esforços humanos. Por mais que mergulhe em prazeres e mais prazeres, são efeitos paliativos, que afastam do verdadeiro sentido da vida. Frankl acredita que “o prazer não é mais do que um processo qualquer que se opera nas células ganglionares do cérebro” (FRANKL, 2010b, p. 69). E ele questiona se valeria a pena viver, amar, sofrer apenas em função desse processo?

Frankl constatou, por suas pesquisas, que a crise existencial estava instaurada em seus alunos. E que refletia na situação existencial de muitos jovens.

Uma estatística improvisada que retiramos de uma pesquisa que conduzi entre meus alunos na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena mostrou que 40% desses universitários vindos da Áustria, da Alemanha Ocidental e da Suíça conheciam o vácuo existencial por experiência própria. No que diz respeito aos meus alunos americanos, essa estatística chegou a 81% (FRANKL, 2011, p. 107).

Frankl percebe as consequências da falta de sentido em jovens universitários. Embora, por vezes pareça exagero, mas como ele mesmo relata, devido a partilha feita durante uma de suas palestras, por um coordenador de curso, o qual relatou o grande número de jovens estudantes que haviam tentado suicídio nos últimos anos. O que fez com que a problemática da falta de sentido se tornasse tema habitual no seu trabalho de aconselhamento aos alunos:

Não se trata, de modo algum de um exagero. Quando dei palestras numa das maiores universidades dos Estados Unidos, um coordenador, ao comentar o tema de minha conferência, disse que poderia me mostrar uma lista inteira de estudantes que, claramente, ou tentaram ou cometiam suicídio, por conta de um vácuo existencial; tal fenômeno já lhe era familiar em sua prática de aconselhamento estudantil (FRANKL, 2011, p. 108).

Nessa busca por sentido, o sistema de educação pode assumir duas atitudes; uma, de ajudar na formação de uma consciência crítica, para que os jovens estudantes conseguissem usá-la como seu órgão de discernimento de sentido; outra, que é a mais usada, segundo Frankl, usar a educação de maneira limitada, apenas para transmitir conhecimentos e repassar tradições. A educação deve ajudar o jovem a usar a sua consciência, aquela que Frankl chama de “órgão do sentido”. Embora muitas vezes faça exatamente o contrário. Tutelando os jovens estudantes a uma vida baseado num relativismo:

Na era do vazio existencial, como dissemos, a educação não deve limitar-se a transmitir conhecimento, nem contentar-se com o repasse das tradições. Ela deve, sim, refinar a capacidade humana de encontrar aqueles sentidos únicos que não se deixam afetar pelo declínio dos valores universais. Essa capacidade humana de encontrar o sentido escondido por trás de cada situação singular é o que chamamos de consciência. A educação deve, portanto, guiar o homem com os meios para encontrar o sentido. Ora, em vez disso, o que muito se vê é que os sistemas escolares contribuem para o vácuo existencial. O sentimento de vazio e de falta de sentido por parte dos estudantes é forçado pelo modo reducionista por meio do qual as descobertas científicas lhe são apresentadas. Os alunos são expostos a um processo de doutrinação que mescla os princípios de uma teoria mecanicista do ser humano a uma filosofia de vida relativista (FRANKL, 2011, p. 108).

Como o sistema de educação pode ajudar os jovens estudantes na busca por seus sentidos? Em uma conversa que Frankl teve com o professor Huston C. Smith, filósofo de Harvard, responde à pergunta do professor se seria possível ensinar valores; “valores não podem ser ensinados; valores devem ser vividos. Tampouco o sentido pode ser dado. O que um professor pode dar, nesse caso, nunca é o sentido, mas exemplo da própria dedicação pessoal de suas devoções à causa da pesquisa, da verdade e da ciência” (FRANKL, 2011, p. 110). Frankl apresentou que a apatia e o tédio, efeitos encontrados nos jovens, eram reflexos de uma falta de sentido, o tédio se constitui de uma incapacidade de interessar-se por algo, e a apatia é a incapacidade de tomar iniciativa por algo. Ambos são reflexos da atitude da forma como os educadores trabalham com os alunos:

Mas, como, enfim, pode um aluno desses tomar alguma iniciativa, se, na sala de aula, o que aprende é que o ser humano não é nada mais que um campo de batalha para reivindicações conflitantes de aspectos da personalidade, como id, ego e superego? Ora, e como esse mesmo estudante pode desenvolver interesse por algo, se em sua classe, prega-se

que valores e ideais não são nada além de formações reativas e mecanismos de defesa? (FRANKL, 2011, p. 110).

Frankl é contra o reducionismo, para ele estamos diante de uma sociedade que prega uma liberdade sem limites. Contra este movimento, se faz necessário incentivar que a educação com os alunos trabalhe para construir uma consciência responsável. Só com uma consciência responsável se poderá verdadeiramente ajudar os jovens, pois eles possuem um entusiasmo natural para vida. A afirmação de Lukas de que a grande aspiração do jovem é justamente encontrar algo que lhe seja importante e significativo, uma causa ou um amor, que possa e queira assumir, vai ao encontro do pensamento de Frankl. Frankl acredita que existe uma atitude entusiasta, característica do jovem. Em sua conversa com Smith ele afirma: “o entusiasmo e o idealismo da juventude americana devem, sim, ser inesgotáveis. De outra maneira, eu não entenderia como tantos desses jovens ainda ingressam no Peace Corp e no VISTA⁵” (FRANKL, 2011, p. 110).

Como Frankl afirmou, “vivemos na era da sensação da falta de sentido. Nesta nossa época a educação deve procurar não só transmitir conhecimento, mas também aguçar a consciência” (FRANKL, 1985, p. 67). A educação tem um papel importante no aprimoramento da consciência, ajudando que os jovens estudantes criem em si uma sensibilidade para encontrar o sentido das exigências diárias que se apresentam na vida. “Quando o indivíduo se torna atento às situações, a vida volta a ter sentido para ele. E fica imunizado contra as duas sequelas do vazio existencial que são o conformismo e totalitarismo” (FRANKL, 1978, p. 20).

Durante essa busca do sentido, “os jovens geralmente não possuem uma orientação definida quanto ao sentido da vida, pois ainda se encontram numa fase de busca e luta por esse sentido” (LUKAS, 1990, p. 22). Embora Frankl afirme que estar em conflito consigo mesmo em relação ao sentido da vida seja normal e humano. Aos jovens Frankl afirma que devem assumir com toda a sua radicalidade este desafio de encontrar um sentido em suas vidas, sem nenhuma vergonha. Em um de seus livros Frankl relata a conversa com um de seus pacientes de 25 anos, um jovem que sofria com uma angústia sobre o sentido da vida, Frankl diz ao jovem:

Sua busca por sentido e o questionamento a respeito desse sentido não são patologias. Trata-se, muito mais, de uma prerrogativa da juventude do que de uma doença. Um verdadeiro jovem nunca toma o sentido da vida como algo dado, acriticamente, mas questiona essa ideia. O que eu quero dizer é que você não precisa desesperar-se por causa de seu desespero. Você

⁵ Ambos constituem ONGs humanitárias encabeçadas por jovens voluntários nos Estados Unidos.

deveria, ao invés disso, tomar esse desespero como uma evidência mesmo da existência, daquilo que costumo chamar de “vontade de sentido”. E, em certo sentido, o fato mesmo de sua vontade de sentido justifica sua fé no sentido (FRANKL, 2011, p. 120)

Como vimos no início, o tempo da juventude é aquele que está no meio. O jovem não é mais criança, mas também ainda não é um adulto. É a época da vida que apresenta uma tremenda variedade de oportunidades. São inúmeros caminhos que se apresentam, para todos as direções, e não importa qual escolha seja feita, ela terá consequências. O caminho que se escolhe levará o jovem a um percurso que vai ajudar na construção da sua personalidade. Neste caminho, duas qualidades podem ajudar: a coragem e a paciência:

Porém, para utilizar-se da oportunidade certa no momento correto, há necessidade de duas qualidades: coragem e paciência. A paciência significa esperar até que surja uma possibilidade de sentido que valha a pena ser selecionado, entre tantas outras, e concretizada, levando nesse processo à descoberta de si próprio. Esse reconhecimento de uma possibilidade de sentido não ocorre diariamente: há necessidade de tempo e paciência para esperar por essa ocasião e ter confiança que um dia ela aparecerá. Porém, não é suficiente compreender que eventualmente possa surgir uma oportunidade que valha apena ser realizada, é preciso ainda coragem de aproveitar essa oportunidade, a coragem de um idealismo e otimismo saudável, próprios dos jovens, para empreender o novo e desconhecido, mas pleno de sentido, e prosseguir o desenvolvimento (LUKAS, 1990, p. 22).

É uma atitude corajosa questionar-se pelo sentido de sua vida. Diante de uma sociedade conformista, que faz tudo o que os outros já fazem, ou que tem uma atitude totalitarista, fazendo o que as outras pessoas querem que o faça. Frankl afirma que “se um jovem, contudo, decide-se por aderir à sua prerrogativa e aceita o desafio pelo sentido da vida, deve ter paciência: paciência o suficiente para esperar até que o sentido comece a brilhar sobre ele” (FRANKL, 2011, p. 115). É na construção da consciência que o jovem vai amadurecendo e se encontrando consigo mesmo. Mas é verdade que se o jovem está perdido, faz de tudo para fugir, para não escutar a consciência. Nessa fuga, tende a buscar um lazer desenfreado. A abundância de diversão e festas, são barulhos com os quais o jovem tenta silenciar o grito por sentido que brota do seu interior. Diante do seu desespero pela falta de sentido o jovem busca se esconder. Frankl acredita que é necessário encarar essa angústia, buscando um tempo que proporcione um espaço para a contemplação e meditação. O jovem precisa de coragem para estar só. Escutar a sua consciência e dar passos em direção à busca de sentido para sua vida (Cf. FRANKL, 2011, p. 123).

4.3 OS JOVENS E OS VALORES

Frankl afirma que o homem que assume a sua responsabilidade diante da vida possui a chance de encontrar um sentido. “O homem comum vê sentido em fazer ou criar, ter experiências ou amar alguém, mesmo em uma situação desesperadora, que ele enfrenta sem esperanças, atribui um sentido” (FRANKL, 1978, p. 21). Em parte, Frankl apresenta as três vias de valores em que se pode encontrar um sentido; os valores criativos, vivenciais e atitudinais. Já trabalhamos sobre eles nos capítulos anteriores, mas neste queremos delimitar sobre o jovem, com suas características, possibilidades e consequências durante o tempo da juventude.

Frankl relata em seu livro que uma pesquisa feita na Universidade de Ottawa, mostrou que os jovens entre 13 e 15 anos, possuem uma melhor compreensão dos valores de vivência (FRANKL, 1978, p. 22, Nota de Rodapé). O valor de vivência se constitui numa entrega ao amor. É importante compreender que o amor vai muito além da relação corporal. “O amor pode existir substancialmente mesmo sem necessidade disso. Quando tal elemento for possível, de certo que o buscará e quererá; mas se for necessário renunciar, nem por isso arrefecerá ou morrerá” (FRANKL, 2010, p. 181). Frankl não quer afirmar que relação sexual inexiste no amor, mas pelo contrário, ela não é um fim em si mesmo, mas sim, uma resposta de um processo de vivência do valor do amor.

Este amor transcende o desejo absoluto do erótico e da beleza. Frankl alerta que a ênfase dada no erótico-estético não só desvaloriza a pessoa que é apreciada, mas também aquele que a emite. Viver apenas pela beleza ou pela busca do prazer sexual faz com que homem caia em distúrbios psicossexuais. Por isso “a prevenção de distúrbio neurótico-sexual baseia-se numa educação da capacidade de amar e na capacidade de entrega de si mesmo” (FRANKL, 2010b, p. 204). É no tempo da juventude que a preparação da maturidade erótica da vida amorosa acontece.

Para Frankl a capacidade de se decidir por uma pessoa, acontece devido à maturidade erótica. Esta tem duas exigências: a capacidade de se discernir e escolher uma única pessoa, excluindo as outras, e a segunda, é a capacidade de ser fiel. Segundo Frankl o tempo de preparação da maturidade erótica acontece na juventude.

Assim, se considerarmos a juventude como tempo de preparação, no sentido erótico também, isto é, como tempo de preparação para a vida amorosa, conclui-se que aos jovens se deve exigir; por um lado, que procurem e encontrem o par adequado; mas, por outro, que “aprendam” a ser-lhe fiéis, a seu tempo. Ora, bem: esta dupla exigência não evita uma certa antinomia. Por um lado, e no sentido da exigência de capacidade de decisão, o jovem tem que procurar adquirir um certo conhecimento erótico das pessoas e uma rotina erótica. Mas, por outro lado, no sentido da exigência da fidelidade, tem que se esforçar por superar os meros estados de ânimo, fixando-se numa pessoa única e mantendo em pé a relação com ela (FRANKL, 2010b, p. 190).

Frankl reflete sobre a exigência que deve ter um jovem na construção da sua maturidade erótica. A relação deve ser encarada com a entrega a uma única pessoa e em fidelidade. Mas ocasiona que durante a juventude isso se torna complicado, como saber que a relação concreta é a certa e negar a possibilidade de encontrar a verdadeira relação. Ou ainda manter uma relação apenas pela comodidade ou medo de ficar sozinho. Frankl acredita que, diante dessa problemática, deve-se aconselhar os jovens e encarar de uma forma “negativa”. Ele mesmo explica:

O que queremos dizer é que devem perguntar-se se porventura não estão querendo “ver-se livres” de uma relação concreta, em todo caso plena de valor, só porque temem compromisso e desejam fugir da responsabilidade; ou se, no caso inverso, não estarão a aferrar-se convulsivamente a uma relação quebradiça, só por causa do medo de terem de ficar sozinhos meia dúzia de semanas ou de meses. Quem se interroga deste modo, compulsando os motivos não objetivos do caso, com certeza que facilmente chegará a uma decisão objetiva (FRANKL, 2010b, p. 191).

No processo de amadurecimento sexual Frankl apresenta um processo de formação e mostra que grande parte deste amadurecimento acontece na juventude.

Existe um momento em que a sexualidade ainda não está integrada no todo do homem, basicamente, na sua personalidade. Existe um processo que aos poucos vai ajudando. De início não existe nenhuma intenção ou direcionamento. Para Frankl existe apenas o impulso sexual. Depois, quando o homem se sente atraído, se cria o instinto sexual. “O instinto sexual endereça-se a uma pessoa determinada, a um representante específico do sexo oposto”. (FRANKL, 2010b, p. 205). Frankl sempre afirma que não somos apenas instintos e impulsos fisiológicos. Ele acredita que existe algo que transcende e que ajuda neste processo. Ele apresenta a questão erótica imanente, que seria um passo além das tendências sexuais. Segundo Frankl, “a tendência erótica imanente se revela como aquilo que encaminha a sexualidade, desde o puramente físico de um impulso até ao espiritual de uma tendência que brota da própria pessoa e se dirige a uma outra pessoa” (FRANKL, 2010b, p. 207). E isso perpassa a juventude, e ele afirma:

[...] no adolescente, por exemplo, aparece sob a forma de um anelo de camaradagem, ternura, confiança íntima e mútua compreensão. É o desejo que o adolescente tem de conviver e estar acompanhado, o anelo de convívio no sentido anímico-espiritual: a tendência erótica é aqui, portanto, “erótica” no sentido mais estrito da palavra. Trata-se de algo primário e que de modo algum se pode deduzir do sexual (FRANKL, 2010b, p. 206).

Quando se faz este processo de amadurecimento, o sexual e o erótico levam o homem a uma eroticidade. Este caminhar ajuda a compreender o sexual e o erótico, orientando o ser humano para um amadurecimento psicossexual, como Frankl diz; “síntese feliz da sexualidade e do erótico”. “O homem realmente amadurecido, a rigor só pode desejar sexualmente a pessoa que ama; para ele, só se pensa numa relação sexual quando a sexualidade pode ser expressão de amor” (FRANKL, 2010b, p. 207).

Frankl sabe que nem sempre isso será fácil, mas é o ideal que se deve ter sempre. “É claro que, como ideal, só raramente se atinge, e a maioria das vezes por aproximação” (FRANKL, 2010b, p. 207). Em relação à juventude, Frankl afirma existir uma necessidade sexual da juventude, mas que ela também pode caminhar do sexual para o erótico. É um fato irrevogável que jovens se apaixonem, segundo Frankl:

Basta, para tanto, proporcionar aos jovens em questão a companhia de pessoas da mesma idade, de ambos os性os. Feito isto, o rapaz, mais cedo ou mais tarde, ficará “apaixonado”, isto é, encontrará uma companheira e, claro está, no sentido erótico e não no sentido sexual da palavra. Em acontecendo isso, logo a necessidade sexual desaparece como que por encanto. Estes rapazes admitem com frequência, por exemplo, que literalmente “se esqueceram” de se masturbarem. Sentem-se atraídos pela companhia da moça que escolheram, para além de qualquer atitude sexual. Quer dizer: aquilo que é grosseiramente sexual nos jovens passa automaticamente para segundo plano, no exato momento que se apaixonam – com as suas exigências insatisfeitas, ou apesar delas. E, em contrapartida, passa para o primeiro plano o erótico (FRANKL, 2010b, p. 213).

Compreendemos o movimento que existe. O jovem deixa de dar total atenção ao sexual e passa agora da paixão para o sentimento do erótico, que não visa apenas a questão sexual. Existe agora um sentimento de proximidade e de afeto, de companheirismo. Segundo Frankl, a necessidade sexual não desaparece, o instinto sexual volta a se manifestar, mas como o jovem se permitiu encontrar algo de transcendente no sentimento erótico, que por sua vez o ajudou no amadurecimento e que agora, segundo Frankl, predomina não é o instinto, mas a tendência erótica. Isto ajudou na construção do seu senso de responsabilidade.

Efetivamente, o que agora temos é uma relação amorosa em que a eventual relação sexual desempenha valiosa função de meio de expressão (e também não pretendíamos mais do que isso). Mas não se ficou por aqui;

algo mais aconteceu entretanto: à medida que foi amadurecendo, o senso de responsabilidade do jovem desenvolveu-se o suficiente para poder decidir, com base na sua própria responsabilidade e na da pessoa a quem ama, se e quando deve contrair com ela uma relação sexual séria. (FRANKL, 2010b, p. 215).

Segundo Frankl, quando o processo acontece, do sexual para o erótico, e o jovem consegue assumir o amadurecimento afetivo, de uma paixão com responsabilidade ele e o parceiro. Então a “sexualidade” desempenhará o único papel que lhe compete desempenhar: o de uma forma física de expressão de um conteúdo anímico-espiritual, o de expressão do amor⁶.

Frankl afirma que é papel do médico ajudar os jovens, educando-os para uma responsabilidade. Pois “é precisamente com base na própria responsabilidade que o jovem tem que saber escolher um caminho” (FRANKL, 2010b, p. 216). Frankl é categórico, não pode existir medo, é necessário encorajar os jovens a se deparar com as dificuldades que vão surgir quando se deixa o sexual para a eroticidade. “O rapaz novo tem que ter a valentia de se apaixonar e desprender-se da paixão, de “fazer a corte”, de estar só, etc”. (FRANKL, 2010b, p. 217). Frankl alega que nada é finito ou imutável, é necessário estar atento, quando o desejo sexual tentar se sobrepor, a pedagogia aprendida ajudará como voz de aviso. E assim o jovem que fez o processo de amadurecimento, terá em suas mãos o controle, e não mais ser guiado por um impulso. E assim encontrar em si recursos para buscar e encontrar o sentido no amor.

⁶ Frankl em nota relata que; “O ‘adiantamento’ da sexualidade, o tratamento ‘dilatório’ do problema sexual na educação sexual da juventude, tem que partir, em última instância, da seguinte consideração: se o rapaz tivesse que entrar na vida profissional logo aos 14 anos, não chegaria nunca a desenvolver-se profissionalmente nem a preparar-se para uma profissão elevada; do mesmo modo, se o jovem se lançasse à vida sexual nos começos da puberdade, não chegaria nunca a desenvolver-se interiormente, nem poderia elevar-se às formas mais altas da vida amorosa, isto é, a uma vivência profunda do amor. (FRANKL, 2010b, p. 336).

4.3.1 Jovem e o valor de criação direcionado a uma missão

Sabemos que “a grande aspiração do jovem é justamente encontrar algo que lhe seja importante e significativo” (LUKAS, 1990, p. 17). Embora às vezes siga caminhos que não correspondam a essas aspirações, que os leva a um vazio existencial. Vemos isso numa carta que Frankl recebeu de um jovem estudante americano que escreveu: “tenho vinte e dois anos, um diploma, carro, previdência social e a disponibilidade de mais sexo e poder do que necessito. Agora apenas preciso explicar a mim mesmo qual o sentido de tudo isso” (FRANKL, 1985, p. 82). Frankl, apresenta um caminho que possibilita encontrar o sentido, por meio do valor de criação. Esse valor constitui numa “atitude” de criar algo. Um movimento em que a pessoa parte do eu para uma comunidade. O valor pode ser vivenciado em um trabalho ou numa missão.

Sabemos que o valor constitui-se de caráter único e insubstituível. Em parte essa tarefa concreta e pessoal constitui o que Frankl chama de missão. O valor não consiste no que se cria, mas no como se cria. O modo como faz e para quem o direciona, constitui algo transcendente. Às vezes, o valor é confundido com o trabalho profissional. Segundo Frankl nenhuma profissão em si pode fazer o homem feliz. O ato em si não torna o homem insubstituível. No entanto, pode ajudar a criar espaços para que aconteça. Dependendo da forma como o homem encara o trabalho profissional.

Assim, mesmo quando a pessoa está desempregada, ou seja, não está exercendo uma profissão, ela pode fazer uso do seu valor criativo, seja como voluntário ou no serviço gratuito a alguém. Neste ponto chegamos ao valor criativo no jovem. Frankl relata que os jovens costumam afirmar que “o que queremos, não é dinheiro; o que queremos é que a nossa vida tenha um conteúdo” (FRANKL, 2010b, p. 166). É característica do jovem o entusiasmo e o idealismo, ambos incorporados ao valor de criação resultam no desejo de uma missão para o jovem. Não, necessariamente, se constitui de retorno financeiro, mas sim de uma gratificação, cheia de sentido. Frankl relata que quanto mais nos direcionamos para a missão da vida, mais nos aproximamos do sentido da vida:

Por conseguinte, a missão que um homem tem que cumprir na vida, sempre na base da vida está presente, nunca em princípio, sendo impossível de cumprir. Nestes termos, o que em geral interessa à análise existencial é fazer com que o homem experimente vivencialmente a responsabilidade pelo cumprimento da sua missão; quanto mais o homem aprender o caráter

de missão que a vida tem, tanto mais lhe parecerá carregada de sentido a sua vida (FRANKL, 2010b, p. 94).

Frankl constrói a ideia da Missão da vida que cada um possui. Ao usar o princípio da ideia de Max Scheler, o ser-responsável Frankl, elabora que “este ser responsável é sempre um ser responsável pela realização de valores” (FRANKL, 2010b, p. 95). Estes “valores de situação” também estão ligados com ações do cotidiano, aquelas te caráter único. E nisto apresenta-se a realização da missão do momento, do agora. Ele afirma que existe a grande missão da vida, que é única e de cada um, mas existem as missões do momento de cada da situação. Que exigem de cada um, uma atitude de coragem e de responsabilidade. Em uma entrevista, em um programa americano, Frankl relata a situação de um jovem que diante do sofrimento de uma paralisia, encontra uma missão e assim, no sofrimento ele encontra um sentido:

Certo dia, recebi uma carta de um jovem estudante do Texas, na qual me contava a sua história de vida. Quando tinha 17 anos, ele sofreu um acidente quando praticava mergulho. E ficou paralisado do pescoço para baixo. Ele escreveu: ‘Eu quebrei o pescoço, mas ele não me quebrou. Agora sou um deficiente. Provavelmente, esta deficiência vai me acompanhar por toda a vida. Mas eu não interrompi os meus estudos. Por causa da minha deficiência, eu comecei a querer ajudar outras pessoas. Quero ser psicólogo para ajudar outras pessoas. Tenho certeza, disse-me ele, que o meu sofrimento vai aumentar substancialmente a minha capacidade de compreender e ajudar outras pessoas.’ Este homem, três anos depois, foi convidado por mim para dar uma palestra no 3º Congresso Mundial de Logoterapia, realizado na Universidade de Regensburg, na Alemanha. Ele viajou do Texas à Alemanha, em sua cadeira de rodas, e proferiu uma palestra intitulada: ‘O poder desafiador do espírito humano.’ As palavras finais foram: ‘Eu sei que é possível. Eu sou a prova disso!’ (<https://www.youtube.com/watch?v=5cd2KANOJuU> acessado em 14/10/2015 às 10:19).

O desejo que conduz o jovem à missão da vida, é, de certa forma, o caminho que conduz também ao sentido da vida. Vimos dois exemplos de jovens, um que buscou no poder e no prazer o seu sentido, mas ao final apenas obteve o vazio. Este jovem que sofreu a paralisia, não esmoreceu, assumiu com responsabilidade, coragem e paciência. Apesar de tudo, disse sim à vida. Transformou a sua vida em força motivadora para ajudar outras pessoas. Existe uma grande missão na vida, mas é importante dizer sim para as missões de cada dia, como afirma Frankl. A existência da vida de cada um não pode ser apenas uma passagem, é necessário deixar marcas positivas na comunidade ou nas pessoas próximas. Não é a vida que questiona o jovem sobre o seu sentido, mas é ele, que com responsabilidade responde.

4.3.2 Jovens e o suicídio - a questão do sentido em psicoterapia

Quando Frankl fundou os Centros de Aconselhamento para Jovens, ele pôde partindo da prática, constatar que muitos dos jovens que procuravam os centros, o faziam devido a problemas sexuais. Meio século depois, Frankl em uma de suas palestras sobre a problemática juvenil, faz a seguinte pergunta:

E como se coloca esta questão hoje, meio século depois? Só recentemente me foi apresentada por um especialista de Viena uma estatística: ele incentivou seus alunos a colocar questões por escrito, mas de forma inteiramente anônima. De novo havia questões性uais; mas elas estavam em segundo lugar. Em terceiro lugar vinha o tema das drogas. E vocês sabem o que estava em primeiro lugar? Suicídio! O que é, porém, suicídio? Um não à questão do sentido (FRANKL, 1990a, p. 17).

Frankl acredita que a resposta dos suicídios dos jovens, está relacionado à falta de sentido. Em uma de suas palestras Frankl afirma: “hoje os pacientes não vêm a nós, psiquiatras, com seus sentimentos de inferioridade, mas muito mais com uma sensação de falta de sentido, com um sentimento de vazio, com o que eu chamo de ‘vácuo existencial’” (FRANKL, 1990a, p. 18).

Frankl afirma que a sensação da falta de sentido pode ser o agente patogênico, ou seja, levar a doenças, a neuroses específicas. Segundo ele é uma possibilidade, mas não necessariamente:

“É possível que, em um caso determinado, a falta de sentido ou, digamos preferivelmente, um distúrbio na procura de sentido, não seja patogênico, mas sintomático, e, portanto, não a causa, mas o efeito de uma doença, que não é necessariamente psíquica, mas também pode ser somática (FRANKL, 1990a, p. 20).

Para Frankl é necessário compreender, com clareza, a questão da falta de sentido. Faz parte do ser humano se questionar sobre o sentido, e existe, segundo ele, uma forma de ajudar a iluminar essa busca. Porém, o questionamento sobre o sentido, pode levar a inúmeros distúrbios. Apenas o restabelecimento da orientação do sentido não terá efeito sobre o paciente:

Com seriedade: há depressões endógenas, e endógena neste contexto significa somatogênica. Estas depressões podem ser desencadeadas de forma psicogênica, mas são condicionadas bioquimicamente e até hereditariamente alicerçadas. No quadro das doenças de depressão endógena ocorre que o paciente se julga sem valor e a vida sem sentido. Contra um distúrbio da procura de sentido endógeno-depressivo uma psicoterapia centrada no sentido como a Logoterapia não teria surgido. Para tais casos há uma Logoterapia especial, como eu a descrevi em *Teoria e Terapia das Neuroses* e *A Psicoterapia na Prática*. Esta Logoterapia não parte do restabelecimento da orientação de sentido do paciente. Mais do que isto: no caso de depressão endógena não podemos escapar de uma farmacoterapia, e eu considero, dito suavemente, que é um erro médico não

dar aos pacientes nesses casos os benefícios de uma farmacoterapia adequada (FRANKL, 1990a, p, 20).

Compreendemos, assim, que em relação à busca de sentido existem formas de ajudar aquele que se questiona. Mas é necessário saber distinguir quando esse questionamento já se encontra em um estágio depressivo e que exige um tratamento específico.

Frankl discorda de Freud que em uma carta afirmou: “no momento em que uma pessoa se indaga sobre o sentido e sobre o valor da vida, ela está doente, pois estas coisas não existem de forma objetiva; apenas confessou-se que se tem um estoque de libido insatisfeito” (FRANKL, 1990a, p. 21). Para Frankl, sofrer ao se questionar sobre o sentido da vida, em nenhum momento quer dizer que a pessoa está doente, isto significa que a pessoa possui uma maturidade espiritual. Faz parte do homem se questionar sobre o sentido, e muito mais que isso, questionar-se sobre o sentido da nossa existência (Cf. FRANKL, 1990a, p. 28).

Na problemática do sofrimento pela busca de sentido os jovens são mais vulneráveis. Como Frankl afirma, dois pontos ajudam para que as pessoas, em especial os jovens, sofram do sentimento de falta de sentido – A falta de instinto e a perda da tradição, são fatores que contribuem para os sentimentos de falta de sentido. E quem mais sofre as consequências são os jovens:

Em especial é a pessoa jovem, que simplesmente falha em receber das mãos da tradição uma resposta à questão do sentido, que mais ousa se entregar à procura independente do sentido. Seria apenas desejável que ela fizesse acompanhar essa coragem com uma paciência que a colocasse em condição de esperar até que também compreendesse algo como o sentido da vida, e não descartar a vida a partir de emoções momentâneas (FRANKL, 1990a, p. 22).

Frankl, por meio de testes e pesquisa, pôde comprovar que o sentimento de falta de sentido está presente muito mais nos jovens do que nos idosos. Para Frankl, os jovens são os mais afetados com o sentimento de falta de sentido. Confirma sua teoria de que “a sensação de falta de sentido deve ser atribuída primeiramente à perda de instinto, depois, porém, também à perda da segurança na tradição” (FRANKL, 1990a, p. 22). Tudo isso intensifica a sensação de falta de sentido aos jovens, o que leva eles a um sofrimento, ao qual Frankl caracterizou de “tríade da neurose de massa”, ou seja, dependência de drogas, agressão e suicídio. Frankl confirma a sua análise partindo da “crescente criminalidade juvenil, a tão disseminada dependência de drogas, e um crescente número de casos de suicídio; especialmente entre a juventude acadêmica” (FRANKL, 1990a, p. 22).

O alto índice de jovens envolvidos com drogas é alarmante. Frankl acredita que esses índices estão correlacionados à falta de sentido. Para ele, a dependência química é uma consequência da falta de sentido. O jovem, em meio a sensação da falta de sentido, busca preencher este vazio na sensação de prazer obtida por meio dos entorpecentes, evidenciando uma fuga. Segundo uma pesquisa com 416 estudantes, o grau de falta de sentido está ligado significativamente ao índice de envolvimentos com drogas. A mesma situação acontece com as drogas lícitas, como o álcool. Annemarie von Forstmeyer, comprovou por meio de pesquisa, que em relação ao alcoolismo, “90 % dos casos crônicos, por ela examinados havia uma pronunciada sensação de falta de sentido” (FRANKL, 1990a, p 23.).

Frankl acredita que se o fator da falta de sentido for levado em conta. E se tentar um tratamento psicoterápico, com o foco na busca sentido, é possível uma reabilitação segura. Ele mesmo relata o êxito do diretor de um centro de reabilitação para dependentes que utilizou este método:

Assim ocorre que Alvin R. Fraiser, que dirige, na Califórnia, um centro de reabilitação para dependentes de drogas, e lá introduziu a Logoterapia, registrou não apenas a média, mas uma quota quatro vezes maior de sucesso: “Durante meus quatro anos no Centro de Reabilitação da Califórnia, aproximadamente 260 viciados em drogas completaram o processo de tratamento no qual eu usei a Logoterapia como base de tratamento; 40% desses viciados permaneceram livres de drogas na comunidade para onde voltaram. Durante os mesmos quatro anos, só 10% permaneceram livres de drogas quando livres dos dormitórios nos quais usava-se terapia tradicional” (Em Reuven P. Bulka, Joseph B. Fabry e William S. Sahakian, Logotherapy in Action, Aronson, Nova Iorque, p. 261) (FRANKL, 1990a, p. 23).

Em relação à criminalidade, Frankl relata que Black e Gregson, “descobriram que a criminalidade e o sentido da vida estão contrapostos numa relação proporcional contrária”. (FRANKL, 1990a, p. 23). Os testes mostram que existe um alto índice de sensação de falta de sentido. Para Frankl, isso mostra que é necessária uma intervenção com a Logoterapia, que possibilite a superação do sentimento de falta de sentido, direcionado para o processo de busca de sentido. Frankl relata o caso de Louis S. Barber, diretor de um centro de reabilitação, que utilizou a Logoterapia nos jovens, e que constatou ao final “que a média de recaídas baixou de 40% para 17%”. (FRANKL, 1990a, p.24).

Frankl questiona o conceito de “potências agressivas” no ser humano. Ele relata um experimento em que um grupo de psicólogos infiltrados num acampamento, motiva a agressividade em um grupo de adolescentes. No entanto a agressividade some, quando eles se unem por uma causa comum:

A socióloga Carolyn Wood Sherif, da Universidade do Estado da Pensilvânia, relata que psicólogos jovens, que foram introduzidos ilegalmente num acampamento de escoteiros, foram capazes de arquitetar agressões recíprocas entre três grupos através de competição esportiva. Uma única vez as agressões foram eliminadas, e este caso ocorreu quando os jovens precisaram mobilizar-se porque um carro que transportava alimentos para o acampamento estava atolado na lama; a dedicação plena de sentido a uma tarefa fez com que eles literalmente abandonassem suas agressões. (FRANKL, 1990a, p. 24).

Frankl afirma, baseado neste experimento, que se existe a possibilidade de se trabalhar a agressividade num grupo de adolescentes que estão isolados, então porque não se trabalhar em toda sociedade. O trabalho em conjunto dos adolescentes mostra que o valor de criativo, ao qual afirma que existe a possibilidade de encontrar um sentido na execução de um trabalho ou tarefa, como é neste caso, pode ajudar na construção do sentido (Cf. FRANKL, 1990a, p. 24)

Na tríade da neurose de massa, o terceiro fator que mais afeta os jovens é o suicídio. São inúmeros os estudos apresentados por Frankl, em que os índices de suicídio de jovens são alarmantes (Cf. FRANKL, 1990a, p. 24). Segundo Frankl, na maioria das causas, o suicídio ou a tentativa dele, está relacionado à falta de sentido. Em uma entrevista Frankl relata uma pesquisa feita com jovens que haviam tentado cometer suicídio, na maioria os jovens relataram não conseguir discernir nenhum sentido em sua vida. Frankl chama a atenção, em relação a esses jovens que tentaram cometer suicídio, mais de 93%, estavam bem fisicamente e mentalmente saudáveis. Todos tinham bom relacionamento com a família, uma boa situação econômica e considerável nível acadêmico (Cf. FRANKL, 2010b, p. 28). Ou seja, estavam todos bem, socialmente falando. No entanto, no seu mais profundo, um vazio os consumia, tamanho sofrimento que fez com que eles tentassem tirar a própria vida.

Frankl reflete sobre afirmação que o suicídio e a depressão são causados pelo estresse. Existe a “opinião corrente, por todos conhecida, de que o suicídio e a depressão, que a ele leva, seriam, no geral, causados pelo estresse, pela pressão por realizações, pela grande sobrecarga de responsabilidade” (FRANKL, 1990a, p. 24). Frankl, discorda veementemente desse ponto de vista, pois para ele o “homem necessita de uma certa, saudável e bem dosada tensão” (FRANKL, 1990a, p. 25). Frankl comunga da ideia do fundador da pesquisa sobre estresse, Hans Sele, em que ele diz: “O estresse é o sal da vida”. Frankl recorda, durante a prisão no campo de concentração de Auschwitz, que eles eram submetidos a um alto nível de

estresse, mas os números de suicídios eram raros. No entanto se constata o aumento do número de suicídio em meio ao estado de bem-estar social.

Assim, Frankl rebate a afirmação que o responsável pelos suicídios seria o estresse, pois para ele o homem, necessita de uma quantidade equilibrada e saudável de tensão. É um equilíbrio. Num lado uma tensão e no outro polo o sentido único de cada um. Frankl também não generaliza a questão do suicídio. Ele mesmo afirma: “não creio, de forma alguma, que todo suicídio, ou seja, que toda a tentativa de suicídio, seja empreendida a partir da sensação de falta de sentido” (FRANKL, 1990a, p. 26). Mas é necessário considerar, que se o jovem tivesse um sentido na vida, não tentaria cometer suicídio. Frankl cita C. G. Jung que diz: “o sentido faz muito, talvez tudo suportável” (FRANKL, 1990a, p. 26). Mesmo diante do sofrimento, quem consegue, como valor de atitude, encontrar um sentido consegue encontrar forças para continuar. Como diz Nietzsche; quem tem por que viver, suporta quase qualquer como” (FRANKL, 1990a, p. 26).

Os jovens estão em apuros. Sem sentido em suas vidas, são vulneráveis, vão apenas vivendo. A sociedade industrial cria inúmeras necessidades, apresenta uma felicidade que está na plenitude de bem-estar social, que garante uma vida feliz sem esforço. Os jovens vão afundando neste vazio, os efeitos da tríade da neurose de massa, são as consequências de uma sociedade que vive no superficial.

Frankl acredita que é necessário ir contra este pensamento. Para ele o homem se autotranscende. A existência humana não busca apenas conforto ou prazeres. Mas a sua essência transcende a si mesma. A sua existência aponta para algo que não é ela mesma. É necessário buscar o sentido da vida de cada um, seja no trabalho criativo de entrega, no amor ou na superação de um sofrimento. O ser humano em especial os jovens, precisam encontrar um sentido em sua vida, ele é único e individual, não poderá ser dado, precisa ser encontrado. Os jovens precisam ter paciência e coragem, munidos de uma consciência crítica que não se deixa levar por falsas felicidades instantâneas, ou por prazeres de impulso. Estar atento ao seu valor transcendente, só assim encontram o seu sentido diário. Amadurecendo com liberdade e responsabilidade encontrarão em suas vidas sentido e assim serão felizes para sempre.

5 CONCLUSÃO

Apesar de tudo, dizer sim a vida.

Quando se comprehende que a vida é muita curta e que existe algo de especial nela se pode trilhá-la com liberdade e responsabilidade. Usando da consciência, que Frankl considera órgão do sentido, será possível encarar o grande desafio de buscar sentido e ter uma vida que valha a pena ser vivida; não como um errante, que trilhou um caminho qualquer para um destino incerto, mas alguém que soube, em cada experiência, fazer escolhas, aceitando o desafio de encontrar um sentido.

Os jovens possuem o direito de errar, também o dever de corrigir e modificar a direção de suas vidas. Diante de juventude, que é constantemente alienada por inúmeros fatores e induzida pelos impulsos do prazer e do ter, cabe incentivar e fortalecer o questionamento que ecoa do mais profundo do ser da juventude, o desejo de ter uma vida cheia de sentido.

A carência de vida cheia de sentido é estágio passageiro e normal na vida do jovem, mas, se frustrada, pode se tornar uma armadilha, que o direcionará para caminhos ilusórios, desperdiçando sua vida em uma busca desenfreada por prazer e conquista de poder.

O convite do imperativo categórico da Logoterapia é: “viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora” (FRANKL, 2013b, p. 134). Em especial os jovens são vítimas de reducionismo, no entanto, cabe a eles se questionar sobre o sentido, tomar as rédeas da situação e mudar o rumo.

Diante do leque de oportunidades que se apresenta para a juventude, que ousa se questionar pelo sentido, no desejo de não viver como mais um em meio à multidão alienada pelas luzes da cidade, que vendem falsas felicidade instantâneas, cabe aos jovens ter paciência e coragem.

O jovem precisa ter paciência, na espera que surja a possibilidade de sentido que valha a pena, diferente de tantas outras oportunidades que se apresentam no dia-a-dia. Com liberdade e responsabilidade o jovem poderá escolher e ousar buscar uma vida com sentido, ajudando-o a encontrar-se consigo mesmo. No entanto, é necessário ter coragem de aproveitar as oportunidades oferecidas pela vida. Coragem que parte de um idealismo e otimismo saudáveis, características dos

jovens. Quando a paciência se une à coragem, os jovens terão a possibilidade de enfrentar o novo, na busca de sentido. O tempo da juventude se transformará numa grande aventura, e a busca por sentido num ato de criação que o ajudará na sua existência humana.

Uma vida que encontrou sentido, o porquê do viver, encontrou a plenitude, a felicidade. Embora compreenda-se que a felicidade não é algo que se busque ou que se persiga. A felicidade deve ser uma resultante, um efeito colateral da realização de sentido na vida. Não se visa à felicidade, pois ela não acontece por si só. A felicidade é porta que não se pode forçar para abrir. De acordo com Frankl o que deve ser buscado é uma tarefa, uma causa ou uma pessoa. Quanto mais alguém se esquece de querer ser feliz e se dedica a uma causa ou a outras pessoas, mais essa pessoa poderá ser feliz.

A esperança, energia motivadora para cada ser humano, é que há um sentido a ser realizado. No entanto, jamais se poderá afirmar qual é este sentido, pois ele é único e individual, é íntimo de cada pessoa. Juntamente com a liberdade de vontade e a vontade de sentido, o homem deve buscar o seu sentido, a sua missão.

Ao concluir o trabalho, pode-se afirmar que a teoria de Frankl é um convite a ir contra a corrente da sociedade contemporânea, em especial para os jovens. No primeiro momento, ao ler sobre a busca de sentido, logo se associa que a resposta é individual, ligada a pessoa. No entanto, comprehende-se ser justamente o contrário. A busca de sentido está no outro, naquilo que o homem dá ao mundo, sob a forma de suas obras; ou na sua atitude de coragem e esperança diante do sofrimento.

Esta epidemia que Frankl afirma se espalhar pelo mundo, em especial para os jovens, não é de agora. Sócrates e Santo Agostinho nos relatam que o tempo da juventude é cheio de incertezas. O período da juventude é um dos mais vulneráveis para a busca de sentido; uma linha tênue entre uma vida que encontrou o porquê de viver, superando qualquer como, e uma vida em fuga. Pois a vontade de sentido, que acaba por ser frustrada, como mecanismo de escape, tende a ser orientada à busca desenfreada de prazer e poder, escondendo e deturpando a verdadeira vocação de cada um.

Um trabalho de conclusão tem por objetivo ser um trabalho de pesquisa no qual o autor fala. O presente trabalho abre caminhos para pesquisas mais profundas. Não apenas como mero estudo acadêmico, mas realmente como contribuição para a vida das pessoas, em especial dos jovens.

Diante de uma sociedade superconectada, o grito por sentido nunca foi tão forte. A problemática da propaganda de felicidade líquida impulsiona a buscar mais respostas para o questionamento filosófico sobre o sentido da vida e sua felicidade.

Ao concluir esse trabalho, fica o desejo de continuar a pesquisa, de tentar levar o questionamento e os ensinamentos de Frankl aos jovens, principalmente àqueles mais vulneráveis, que estão à margem da sociedade, os jovens da periferia, os infratores e os dependentes químicos. Mais do que nunca é necessário usar o conhecimento obtido para servir e ajudar a todos.

“Encontrei o significado da minha vida, ajudando os outros a encontrarem sentido em suas vidas” (Viktor E. Frankl).

REFERÊNCIAS

- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. Um psicólogo no campo de concentração. 34. ed. Trad. de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline, São Leopoldo: Sinodal, 2013b. 184 p.
- _____. **A vontade de sentido**. Fundamentos e aplicações da Logoterapia. 1. ed. Trad. de Ivo Studart Pereira , São Paulo: Paulus, 2011. 239 p.
- _____. **Um sentido para a vida**. Psicoterapia e Humanismo. 11. ed. Trad. De Victor Hugo Silveira Lapenta, São Paulo: Editora Idéias & Letras, 2005. 159 p.
- _____. **Psicoterapia e sentido da vida**. Fundamentos da Logoterapia e análise existencial. 5. ed. Trad. de Alípio Maia de Castro, São Paulo: Quadrante, 2010b. 352 p.
- _____. **O que não está escrito nos meus livros**. Memórias. Trad. de Cláudia Aberling, São Paulo: É Realizações, 2010a. 182 p.
- _____. **Sede de sentido**. 3. ed. Trad. Henrique Helfes, São Paulo: Quadrante, 2003. 69 p.
- _____. **Psicoterapia para todos**. Uma psicoterapia coletiva para se contrapor-se à neurose coletiva. Trad. de Antônio Estêvão Allgayer. Petrópolis: Vozes, 1990b. 158 p.
- _____. **A questão do sentido em psicoterapia**. Trad. de Jorge Mitre. Campinas: Papirus, 1990a. 157 p.
- _____. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Trad. de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 289 p.
- _____. **A presença ignorada de Deus**. Trad. de Esly R. S. C. Hoersting, Zilda Costa de Souza e Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1985. 122 p.
- FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**: Um diálogo. Trad. de Márcia Neumann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a. 170 p.
- FABRY, Joseph B. **A busca do significado**. Viktor Frankl – Logoterapia e vida. São Paulo: Cultura Espiritual, 1984. 215 p.
- LUKAS, Elisabeth. **Mentalização e Saúde**. A arte de viver a Logoterapia. Trad. de Helga Hinkenickl Reinhold. Petrópolis: Vozes, 1990. 183 p.
- HOUAISS, Antônio. **Houaiss**: Minidicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 976 p.